



UFOP

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

PLÍNIO DE SOUZA SOARES

A PAISAGEM CULTURAL DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES:
uma análise da percepção das vinhas do norte de Portugal sob a ótica dos residentes

Ouro Preto
2021

PLÍNIO DE SOUZA SOARES

A PAISAGEM CULTURAL DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES:
uma análise da percepção das vinhas do norte de Portugal sob a ótica dos residentes

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção de título de Bacharel em Turismo
pelo Departamento de Turismo – UFOP.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabel Maria Marinho
Vaz de Freitas
Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Burkowski

Ouro Preto
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S676a Soares, Plínio de Souza .

A paisagem cultural da região dos vinhos verdes [manuscrito]: uma análise da percepção das vinhas do norte de Portugal sob a ótica dos residentes . / Plínio de Souza Soares. - 2021.

72 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Maria Marinho Vaz de Freitas.

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Burkowski.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Paisagem cultural. 2. Patrimônio. 3. Vinhos Verdes. 4. Turismo - Tradição - Portugal. I. Burkowski, Rodrigo. II. Freitas, Isabel Maria Marinho Vaz de. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 338.486

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Plínio de Souza Soares

A paisagem cultural da região dos Vinhos Verdes:
Uma análise da percepção das vinhas do norte de Portugal sob a ótica dos residentes

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 29 de julho de 2021

Membros da banca

Dra. - Isabel Vaz de Freitas - Orientadora - Universidade Portucalense (Porto-Portugal)
Dr. - Rodrigo Burkowski (co-orientador) - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. - Maria do Carmo Pires - Universidade Federal de Ouro Preto
Me - Marcelos Ramos - Universidade Federal de Ouro Preto

Rodrigo Burkowski, Co-orientador do trabalho , aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em
16/08/2021



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Burkowski, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/08/2021, às 13:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0207106** e o código CRC **B3DD4EDA**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008253/2021-51

SEI nº 0207106

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: 3135591447 - www.ufop.br

Dedico este trabalho à memória da minha querida e amada avó Geralda que esforços não mediu para me educar e me mostrou que a beleza da vida reside nas coisas simples.

AGRADECIMENTO

Essa jornada que começou em Vitória, passou Ouro Preto e que agora se concretiza em Porto, Portugal, só foi possível graças ao infinito amor e cuidado de Deus por mim.

Sou muito grato ao meu pai, José, e à minha mãe do coração, Nilda Gomes, pelo amor e carinho incondicional e pela infindável confiança que em mim depositaram e depositam. Sem vocês eu não concluiria essa fase. Esse mérito também é de vocês.

À minha mãe, Neuza, pelo amor e preocupação que nunca faltou, pelas risadas tão gostosas que damos ao telefone, muito obrigado. Isso, com toda certeza, deixou meus dias mais leves. Ao meu pai do coração, Genaro Lima, por me ensinar a ser uma pessoa melhor, por sempre me acolher e por tudo o que fez e faz por mim, muito obrigado.

À minha irmã, Rhenara, agradeço por torcer por mim e vibrar comigo a cada conquista e por ser meu porto seguro. Obrigado por todos os dias em que falamos e por compartilhar os dias bons e também os ruins.

Aline, Miriã e Tassila, vocês são parte dessa história, sempre acreditando em mim e me encorajando a seguir meus sonhos, mesmo que a cada dia eu fosse um pouquinho mais para longe. Obrigado por todo o suporte.

Carolina Goulart, Daniele Lampier, Débora Moura, Larissa Damaceno e Renato Condé, vocês são mais do que especiais para mim. Minha trajetória na UFOP foi sustentada a cada dia pelos laços de amizade que criamos.

Aos amigos de fé em Vitória e em Ouro Preto que intercederam pela minha vida desde o momento em que os comuniquei da minha aprovação no intercâmbio, em especial Andressa Maris, Lucas Deleon, Alessandra Tobias, Wellington Miranda e Flávia Gediene.

Chegar até aqui só foi possível e mais fácil graças aos professores que me auxiliaram neste processo desde os meus primeiros dias na Escola Estadual Maria Garcia Pinto, por isso sou muito grato por cada um que deixou uma marca em mim.

Aos professores e funcionários do DETUR, agradeço por todo o saber e por todas as oportunidades a mim concedidas.

À professora Isabel Freitas e ao professor Rodrigo Burkowski, agradeço imensamente pela paciência e pela transferência de conhecimento. Vocês são exemplos para mim e sinto-me lisonjeado por tê-los tido como orientadores. Sem vocês, árduo seria o meu caminho na reta final do curso.

Agradeço especialmente à professora Helena Albuquerque pela disponibilidade, atenção e carinho de sempre.

Aos amigos que fiz na Universidade Portucalense, especialmente Adriana Moreira, Bruna Sousa, Inês Ramos e Natacha Cabral, o meu agradecimento. Sem vocês os meus dias eram vazios.

No decorrer do intercâmbio, duas pessoas foram muito especiais para mim e para o meu sucesso em Portugal e por isso são alvos dos meus mais profundos agradecimentos.

Ao meu tio Ilton Gomes que me recebeu de braços abertos na cidade e que me auxiliou durante o meu período de adaptação, não medindo esforços para me ajudar, agradeço por todo o suporte e incentivo.

Ao querido e estimado Fernando Lima pela parceria, paciência e companheirismo durante o início, meio e fim da mobilidade, os meus mais sinceros agradecimentos. Sem você essa etapa terminaria com o meu retorno ao Brasil e, se calhar, esse não seria o tema desta monografia.

Todo esse processo só foi possível graças ao Programa Erasmus+ de Mobilidade Internacional proporcionado pela CAINT que abriu as portas de um novo mundo o qual, agora, posso chamar de meu.

*Todas as sociedades são fábricas de significados.
Até mais do que isso: são as sementeiras da vida
com sentido.*

Zygmunt Bauman

RESUMO

A cultura em volta do vinho apresenta várias formas de cultivo e de interação do homem com o meio ambiente que constroem uma paisagem cultural. Esses fatores possibilitam a criação de uma identidade local ou regional, caracterizando as tradições e costumes de uma comunidade com o passar do tempo. O presente estudo busca compreender a percepção dos residentes da Região dos Vinhos Verdes, no norte de Portugal, em relação à sua paisagem cultural, única no mundo. Uma abordagem histórica e conceitual foi utilizada para delimitar o conceito de paisagem e de paisagem cultural, bem como a caracterização da paisagem dos Vinhos Verdes foi necessária para traçar e compreender os valores culturais e patrimoniais da região. A pesquisa quali-quantitativa foi realizada através da aplicação de um questionário semiestruturado em algumas cidades da região, utilizando-se da técnica de amostragem por conveniência para a coleta dos dados. A amostra foi composta por 230 participantes e os dados foram tratados com o auxílio do Excel. A análise dos resultados indica a perspectiva dos moradores frente à paisagem tradicional e à paisagem moderna, fruto da mecanização das vinhas, deixando claro a divisão de opiniões sobre o tema. Ainda foi possível perceber que a população precisa estar integrada no processo de gestão do seu patrimônio. A alteração das técnicas de condução das vinhas transforma a paisagem tradicional da região e, com isso, a sua identidade.

Palavras-chave: Paisagem cultural; Patrimônio; Vinhos Verdes; Tradição; Identidade; Portugal.

ABSTRACT

The culture around wine presents various forms of cultivation and interaction between man and the environment that build a cultural landscape. These factors enable the creation of a local or regional identity, characterizing the traditions and customs of a community over time. This study aims to understand the perception of residents of the Vinhos Verdes Region, in the north of Portugal, in relation to its cultural landscape, unique in the world. A historical and conceptual approach was used to delimit the concept of landscape and cultural landscape, as well as the characterization of the Vinhos Verdes landscape was necessary to trace and understand the cultural and heritage values of the region. A quali-quantitative research was carried out through the application of a semi-structured questionnaire in some cities in the region, using the convenience sampling technique for data collection. The sample consisted of 230 participants and the data were treated through Excel. The analysis of the results indicates the perspective of the residents regarding the traditional landscape and the modern landscape, a result of the mechanization of the vineyards, showing the division of opinions on the subject. It was also possible to see that the population needs to be integrated in the process of managing their heritage. The change in the vine conduction techniques transforms the traditional landscape of the region and, therefore, its identity.

Keywords: Cultural landscape; Heritage; Vinhos Verdes; Tradition; Identity; Portugal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ocupação predominante das culturas permanentes (2019).....	18
Figura 2 – Paisagem cultural dos terraços de Arroz de Honghe Hani, China	33
Figura 3 – Rio de Janeiro: paisagens cariocas entre a montanha e o mar, Brasil.....	33
Figura 4 – Regiões vitivinícolas de Portugal continental	38
Figura 5 – Recorte da Região dos Vinhos Verdes e suas sub-regiões.....	39
Figura 6 – Enforcado ou Uveiras.....	41
Figura 7 – Arjões ou Festão.....	41
Figura 8 – Ramadas ou Latadas.....	42
Figura 9 – Cruzetas.....	44
Figura 10 – Cordão	44
Figura 11 – Paisagem Cultural da Região dos Vinhos Verdes.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem de residentes entrevistados (por concelho).....	59
Gráfico 2 – Nível de satisfação dos entrevistados em relação à paisagem da Região dos Vinhos Verdes.....	59
Gráfico 3 – Características mais comuns da paisagem dos Vinhos Verdes pelo seu significado	60
Gráfico 4 – Relação entre a beleza e atratividade da paisagem.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistemas de condução tradicionais	40
Quadro 2 – Sistemas de condução modernos	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil amostral dos entrevistados da Região dos Vinhos Verdes	58
Tabela 2 – Nível de satisfação com a paisagem versus É uma paisagem linda e atrativa.....	63
Tabela 3 – Nível de satisfação com a paisagem versus As vinhas tradicionais como um dos elementos mais interessantes da paisagem	63
Tabela 4 – Nível de satisfação com a paisagem versus As novas vinhas mudam a paisagem para melhor	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CoEP	Convenção Europeia da Paisagem
RDVV	Região Demarcada dos Vinhos Verdes
RVV	Região dos Vinhos Verdes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A IMPORTÂNCIA DAS PAISAGENS CULTURAIS.....	22
1.1 Histórico e Evolução do Conceito de Paisagem.....	22
1.2 Paisagem Cultural e Identidade.....	30
2 MORFOLOGIA E SIMBOLOGIA DA PAISAGEM DOS VINHOS VERDES	37
2.1 A Paisagem Cultural Da Região dos Vinhos Verdes	39
2.2 O Valor da Paisagem Como Patrimônio Cultural	47
3 A PERSPECTIVA DO RESIDENTE	57
3.1 Resultados e Análise dos Dados	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
BIBLIOGRAFIA	67

INTRODUÇÃO

Apesar de pequeno se comparado com outros países, Portugal é o país com a maior diversidade cultural, arquitetônica e paisagística do mundo no seu espaço territorial. Desde suas praias no Algarve até as montanhas no norte, a paisagem se contrasta com o estilo das casas e as tradições estão presentes no dia a dia português. Por exemplo, as casas do norte são feitas de granito enquanto no Alentejo utilizam-se taipas e são pintadas de branco.

A diversidade da paisagem pode ser observada também junto ao rio Douro. Desde a foz, na cidade do Porto, até sua origem, em Espanha, é possível vislumbrar uma paisagem plural, rica e diferente à medida em que o percorre.

A paisagem geralmente é entendida como um espaço físico que agrega as modificações do homem à natureza de acordo com as condições sociais e geográficas, enxergada, construída e moldada conforme às necessidades do homem (ZAKARIYA; IBRAHIM; ABDUL WAHAB, 2019). A paisagem cultural é aquela paisagem que foi modificada pela ação do homem e que, além de reconhecer a historicidade de um lugar, ressalta suas tradições culturais e o seu valor ecológico e reflete a relação do homem com o meio ambiente (UZUN; SOMUNCU, 2018). Para Tirnakçi (2021, p. 3, tradução nossa), “as paisagens culturais variam de áreas rurais a agrícolas, de pequenas cidades a parques nacionais”¹. Esses conceitos são, portanto, muito próximos.

E é justamente nesse misto de paisagem que reside a maior riqueza cultural do território português. Ela é o reflexo do trabalho árduo de gerações que lavraram a terra, servindo como um indicador das condições físicas, ambientais e biológicas do território. Basta olhar para as margens do rio Minho e ver o deslumbrante verde das árvores, das matas e a fauna que tem como seu habitat natural esse rio que separa Portugal e Espanha ao norte. Todas essas paisagens se integram em paisagens maiores, mais abrangentes, transformando-se na biosfera global. Elas são, porém, paisagens tradicionais de cada país, criadas e mantidas por cada comunidade que dá seu próprio sentido e significado de acordo com sua cultura.

Essas paisagens que traduzem a identidade e a cultura própria de um povo têm sido consideradas como patrimônio único no mundo. Elas atestam maneiras e práticas que possibilitaram o equilíbrio ecológico do ambiente e que hoje são fundamentais no processo de gestão dos recursos naturais e na preservação da identidade desse povo. Em Portugal, essa variedade de paisagens se configura graças à influência mediterrânica e do Oceano Atlântico.

¹ “Cultural landscapes range from rural to agricultural areas, from small towns to national parks”.

Salvaguardar esse patrimônio é pensar na modernidade e no futuro porque, tendo como exemplo o equilíbrio ambiental que em outras gerações se fez presente e foi tão importante, preservar as paisagens tradicionais é essencial para reverter os efeitos negativos da atividade mecanizada sobre a Terra.

Um patrimônio português que está intimamente ligado à cultura do país é a construção dos socalcos², por exemplo os Socalcos de Sistelo. Por causa do relevo acidentado, essa manobra foi necessária para o sucesso da agricultura, revelando uma identidade cultural de grande valor. Aqui começa a se misturar o material com o imaterial: os socalcos, o saber construir, as infraestruturas, os símbolos etc.

Com a evolução da tecnologia e o rápido crescimento dos centros urbanos, os limites entre a cidade e o campo estão ficando cada vez menores. Com isso, a paisagem rural está se transformando em uma paisagem global. Esse crescimento acelerado revela a necessidade de se conservar a paisagem e de planejar adequadamente o espaço, visando a preservação das paisagens tradicionais em sua amplitude. No caso da região norte, os socalcos ocuparam as encostas dos vales para darem lugar a campos mais férteis, muitas vezes cobertos pelas ramadas para fazer sombra e aumentar a produção de outras culturas, ramadas essas que também são utilizadas para cobrir caminhos. Também de grande importância é a utilização das uveiras e dos enforcados ao redor dos campos de cultivo como forma de delimitação dos espaços (técnica popularmente conhecida como vinhas de bordadura), muitas vezes ocupados por milho ou outra cultura.

Dentre todas as características que envolvem a paisagem cultural de Portugal, cabe destacar a paisagem criada e moldada através da vitivinicultura³. Para isso, foi importante consultar os dados que constam no documento “Recenseamento Agrícola - Análise dos principais resultados – 2019”, produzido pelo Instituto Nacional de Estatística (2021) e que são referenciados a seguir.

A produção de vinho em Portugal é uma importante componente do ramo agrícola nacional. Em 2019, cerca de 352 milhões de euros vieram das explorações agrícolas especializadas em vinha (5,2% do Valor de Produção Padrão Total). Trás-os-Montes contribuiu com 45,5% e depois o Entre Douro e Minho com 15,9% (ambas na região norte).

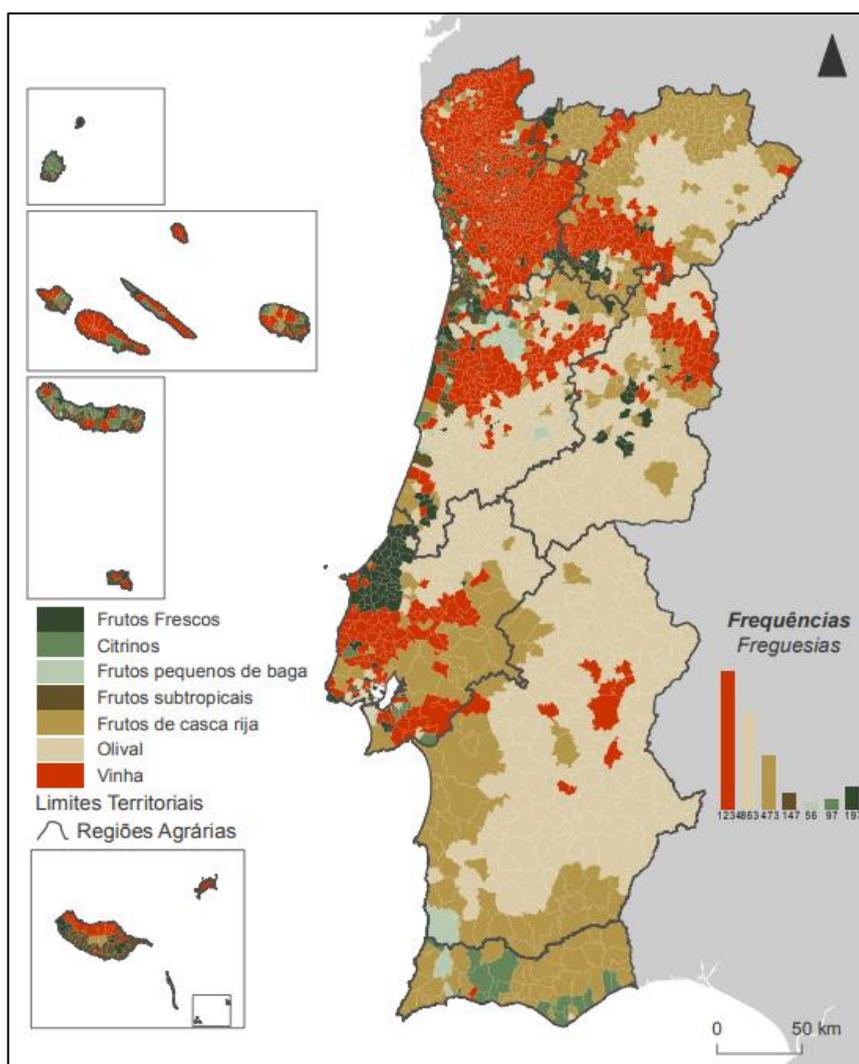
² Um socalco é uma espécie de degrau que torna uma porção de algum terreno mais ou menos horizontal, geralmente para cultivo. É suportado por muro de pedra.

³ Diz respeito ao processo ou desenvolvimento que envolve o cultivo da vinha e/ou a fabricação de vinho.

A vinha é a cultura mais disseminada do país. Ela representou 12,1% do total das explorações em 2019 (-3,9% em relação a 2009) e 51,9% das explorações agrícolas permanentes, ocupando uma área de 173,3 mil ha (-4,5 mil ha em relação a 2009), perdendo apenas para a cultura do olival. Contudo, a área da vinha sofreu uma redução de 4,6 mil ha, com exceção do Alentejo (+5,3 mil ha) e do Entre Douro e Minho (+1,5 mil ha). A Superfície Agrícola Útil da vinha é de 159.154 hectares, ou seja, 4% do total do território (-2,9% em relação a 2009).

A **Figura 1** mostra que mais da metade das explorações com vinha estão localizadas na região norte, representando 23,2 mil hectares da região, o que significa 13,4% de ocupação do território nortenho. Especificamente nessa região, a cultura da vinha é dominante e representa mais de metade das explorações do país (51,6% em 2019 e 49,7% em 2009).

Figura 1 – Ocupação predominante das culturas permanentes (2019)



Fonte: Instituto Nacional de Estatística (2021).

Por último, mas não menos importante (sendo uma das motivações desse trabalho), a popularidade das máquinas de vindimar tem aumentado, fazendo com que o investimento nessa área também se eleve. O recenseamento revela que a colheita da vinha utilizando a mecanização saltou de 12% para 24% em relação ao ano de 2009.

É a partir dessa observação que o presente estudo se debruça. As vinhas estão presentes na maior parte da região norte, servindo como referência cultural para diversas gerações. Entretanto, a mecanização das vinhas (um dos efeitos da globalização) está causando o desaparecimento das vinhas tradicionais da região, únicas no mundo. Com a tendência pela substituição do saber tradicional pelo maquinário, o patrimônio desta região pode deixar de existir, descaracterizando a região e, conseqüentemente, causando a perda de identidade e do sentido de lugar.

Entende-se que essa evolução por que passam as vinhas é importante para a economia local, porém ela não pode apagar por completo as vinhas tradicionais que são testemunhos vivos da história e da tradição de um povo. A paisagem tradicional começa a ser alterada de tal forma que não mais será possível reconhecer o valor e a identidade que foram e são importantes para a caracterização desse patrimônio.

A paisagem foi criada a partir das qualidades do próprio terreno e moldada de acordo com as necessidades dos residentes, refletindo como estes enxergam a vida e o mundo. Em outras palavras, o desenvolvimento por que passou essa paisagem rural é, na verdade, um reflexo cultural. De acordo com Zakariya, Ibrahim e Abdul Wahab (2019, p. 96), “as áreas rurais desempenham um papel significativo no desenvolvimento da economia de um país, especialmente na agricultura, bem como na simbolização das origens culturais de uma nação”. A crescente descaracterização dessa paisagem rural é um descuido dos proprietários frente à falta de políticas públicas que ajudem a regulamentar e preservar esse bem cultural tão importante.

Frente à mecanização das vinhas, buscou-se estudos que tratassem da percepção do morador, porém durante o levantamento da literatura não foi possível encontrar muitos trabalhos sobre essa temática. Existem alguns trabalhos que tratam da evolução das vinhas do norte e da ameaça a qual estão sujeitas, porém somente algumas matérias em blogs e portais de notícias retrataram o que se tem feito atualmente pelo governo para recuperar e preservar as vinhas tradicionais da região em conjunto com os moradores (mais especificamente com as quintas vitivinícolas).

Após o panorama da situação agrícola de Portugal com especial enfoque nas vinhas e uma abordagem estatística, este trabalho tem como finalidade compreender a percepção dos

residentes da Região dos Vinhos Verdes (RVV) em relação à paisagem que vivem diariamente, pois como afirmam Carvalho e Marques (2019), há uma procura crescente na paisagem do dia a dia. Assim, este trabalho está estruturado da seguinte forma.

O primeiro capítulo se dedicou a tratar da importância das paisagens culturais. Com base na visão da Geografia, foi importante fazer um levantamento histórico e evolutivo do conceito de paisagem na tentativa de perceber a grande proximidade, por vezes complexa, entre *paisagem* e *paisagem cultural*. Assim, foi possível obter um panorama do surgimento dos termos e de suas utilizações em alguns instrumentos de preservação, como a Convenção Europeia da Paisagem (CoEP), por exemplo. Ainda foi abordado o conceito de identidade que vai sustentar a ideia trabalhada no capítulo seguinte.

No capítulo 2, a paisagem dos Vinhos Verdes é apresentada e caracterizada segundo a sua morfologia. Foi importante contextualizar a criação da Região Demarcada dos Vinhos Verdes (RDVV), bem como tentar esclarecer a confusão existente entre o nome da região e o nome do vinho. Apesar de um não existir sem o outro, são denominações com significados diferentes. Logo em seguida surge a paisagem cultural da RVV como foco, trazendo algumas características dos sistemas de condução das vinhas praticados antiga e atualmente, discussão essa que insere a questão da mecanização das vinhas como recurso de um mundo globalizado que descaracteriza a paisagem. Em seguida, a discussão gira em torno do valor dessa paisagem como patrimônio cultural, enfatizando a questão da materialidade e imaterialidade presente na paisagem das vinhas.

O terceiro capítulo enfatizou a realização do estudo de campo e o foco deste estudo. De caráter quali-quantitativo, a pesquisa foi realizada com a aplicação de um questionário semiestruturado e com base na técnica de amostragem por conveniência para coletar os dados. A amostra teve um total de 230 participantes. Os dados foram tratados com o auxílio do Excel. O resultado e a análise dos dados coletados são discutidos, mostrando que os residentes estão divididos frente à mecanização das vinhas e à preservação das vinhas tradicionais.

Por último, as discussões e considerações finais ressaltam a importância de ser preservar a paisagem cultural da RVV, uma vez que ela, além de manter viva a tradição e conferir identidade à população, pode ser um elemento importante para o desenvolvimento econômico a partir de um turismo bem pensado e gerido. Salienta-se que é preciso uma ação mais concreta e assertiva por parte do governo para que a população compreenda a importância de se preservar essa paisagem única no mundo, existente somente no norte de Portugal.

Este trabalho começou a ser delineado na disciplina de Desenvolvimento e Implementação de Projetos Turísticos, ofertada no curso de Turismo da Universidade

Portugalense Infante D. Henrique e ministrada pela professora Dr.^a Isabel Vaz de Freitas, sendo resultado de um período de mobilidade internacional realizado pelo autor em 2019 ao abrigo do programa Erasmus+.

Ainda, é importante dizer que este trabalho está escrito em português do Brasil e que considera o português de Portugal, pois várias foram as fontes portuguesas consultadas. Portanto, não é feita a adaptação dos termos visando manter a originalidade dos autores aqui citados. Por exemplo: patrimônio (no Brasil) e património (em Portugal).

1 A IMPORTÂNCIA DAS PAISAGENS CULTURAIS

Antes de compreender do que se trata o conceito de Paisagem Cultural e a sua importância, é importante se atentar, neste primeiro momento, ao conceito de Paisagem no intuito de perceber a sua evolução e o seu significado. Neste sentido, serão utilizados os conceitos sob a ótica da Geografia. É importante mencionar que o próprio conceito de paisagem cultural se confunde com o conceito de paisagem, sendo necessário essa abordagem histórica da paisagem enquanto ciência moderna (RIBEIRO, 2007).

A paisagem é primordial para a organização do território, auxilia no desenvolvimento local e age como elemento importante para a valorização patrimonial e turística na atualidade (OLIVEIRA, 2003). Ela “não é uma espécie de «revelação», ou seja, não existe fora da construção individual ou colectiva de um sistema de significantes” (DOMINGUES, 2012, p. 62, grifo do autor). Dentro dessa construção, a paisagem pode ser interpretada de várias maneiras diferentes e ser reconhecida de acordo com valores culturais e perspectivas simbólicas que partem da experiência própria de seu observador (VASCONCELOS, 2012).

Sob esse prisma, a Declaração de Québec Sobre a Preservação do Espírito de Lugar, de 2008, traz alguns princípios e algumas recomendações para a proteção do espírito de lugar através de seus atributos patrimoniais tangíveis e intangíveis (ou seja, atributos materiais e imateriais) que “dão significado, valor, emoção e mistério ao lugar”⁴ (ICOMOS, 2008, p. 2, tradução nossa). Essa declaração esclarece que o espírito de lugar oferece um melhor entendimento do caráter dos monumentos, dos lugares e das paisagens culturais. Ainda, é repensado o que realmente se entende por “espírito de lugar”, são identificadas as suas ameaças, bem como se discute a sua proteção e transmissão como forma de conservação.

No decurso da história, a paisagem tem sido o início para entender as relações entre o homem e a natureza nas mais diversas disciplinas (Geografia, Agronomia, Ecologia, Arquitetura, Arqueologia) e, ainda que tratem do conceito de formas bem diferentes, todas buscam uma melhor compreensão da natureza e das possibilidades de uso, gestão do espaço e planejamento do território (RIBEIRO, 2007; SILVEIRA, 2009).

1.1 Histórico e Evolução do Conceito de Paisagem

Para alcançar um melhor entendimento acerca da história e evolução do conceito de paisagem, é primordial considerar as convenções e declarações existentes sobre a paisagem,

⁴ “give meaning, value, emotion and mystery to place”.

como é o caso da CoEP e do documento “ICOMOS-IFLA Principles Concerning Rural Landscapes As Heritage”. Além disso, dois trabalhos foram fundamentais na construção deste capítulo: *Paisagem cultural e patrimônio* (2007), de Ricardo Winter Ribeiro e *Paisagem: um conceito chave na Geografia* (2009), de Emerson Lizandro Dias Silveira.

Primeiramente, realizada em Florença, em 2000, a CoEP propõe diretrizes para promover a proteção, a gestão e o planejamento das paisagens, reconhecendo-as como fundamentais para o patrimônio cultural e natural, valorizando a paisagem pela qualidade e diversidade de um recurso comum e que constitui um elemento chave no bem-estar individual e social.

Sendo assim, a CoEP nota que

A paisagem contribui para a formação de culturas locais e representa uma componente fundamental do patrimônio cultural e natural europeu, contribuindo para o bem-estar humano e para a consolidação da identidade europeia; [...] a paisagem é em toda a parte um elemento importante da qualidade de vida das populações⁵ (COUNCIL OF EUROPE, 2000, p. 7–8, tradução nossa).

Já o documento sobre os princípios do ICOMOS-IFLA, de 2017, vai tratar especificamente da paisagem rural reconhecendo-a um elemento essencial do patrimônio da humanidade. Logo, as paisagens rurais são

Áreas terrestres e aquáticas coproduzidas pela interação homem-natureza utilizadas para a produção de alimentos e outros recursos naturais renováveis, via agricultura, pecuária e pastorícia, pesca e aquicultura, silvicultura, coleta de alimentos silvestres, caça e extração de outros recursos, como o sal. As paisagens rurais são recursos multifuncionais. Ao mesmo tempo, **todas as áreas rurais têm significados culturais atribuídos a elas por pessoas e comunidades**: todas as áreas rurais são paisagens⁶ (ICOMOS-IFLA, 2017, p. 2, tradução nossa, grifo nosso).

Além de definir o que são paisagens rurais, esse documento aborda a importância e as ameaças (especialmente em relação às mudanças climáticas), os desafios, os benefícios e a sustentabilidade das paisagens rurais. Elas são entendidas como recursos essenciais para a sociedade porque fornecem alimentos e matérias-primas e traduzem a identidade de uma região, bem como representam aspectos socioeconômicos e ambientais, espaciais e culturais, de espiritualidade e de saúde etc, além de ajudarem a preservar o solo e a transmitir o conhecimento de geração em geração (ICOMOS-IFLA, 2017).

⁵ “The landscape contributes to the formation of local cultures and that it is a basic component of the European natural and cultural heritage, contributing to human well-being and consolidation of the European identity; [...] the landscape is an important part of the quality of life for people everywhere”.

⁶ “terrestrial and aquatic areas co-produced by human-nature interaction used for the production of food and other renewable natural resources, via agriculture, animal husbandry and pastoralism, fishing and aquaculture, forestry, wild food gathering, hunting, and extraction of other resources, such as salt. Rural landscapes are multifunctional resources. At the same time, all rural areas have cultural meanings attributed to them by people and communities: all rural areas are landscapes”.

Para Farina (2000), a paisagem é formada através das sociedades humanas e da natureza, sendo elementos fundamentais para a sua constituição. De acordo com Silveira (2009, p. 2), “a discussão em torno do conceito de paisagem é um tema antigo. Desde a sistematização da Geografia como ciência no século XIX, vem sendo discutido para a efetiva compreensão das relações sociais e naturais de um determinado espaço”, sendo conceituada a partir da divisão entre paisagem natural e paisagem cultural.

Em sua obra, Ribeiro (2007) divide a paisagem a partir da sua morfologia e da sua simbologia, indo totalmente de encontro com Silveira (2009, p. 3) quando este afirma que “os estudos de paisagem inicialmente foram focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, sendo que progressivamente foram sendo incorporadas as ações do homem no transcurso do tempo, com a individualização das paisagens culturais frente as naturais”, deixando claro que primeiro os estudos se concentraram na morfologia e depois, através da ação do homem, a simbologia ganhou espaço.

Sobre a morfologia da paisagem, Ribeiro (2007) ressalta que tudo começa com as contribuições de Alexander von Humboldt em meados do século XIX, que despertou o olhar sobre a paisagem na Geografia quando a disciplina ainda não era oficialmente institucionalizada pela academia, o que só ocorre no final desse século. Mas é com a contribuição de Otto Schlüter e Siegfried Passarge na virada do século (XIX – XX), na Alemanha, que o conceito finalmente é introduzido na Geografia Moderna. Ao usar o termo *Kulturgeographie* (Geografia cultural), o método de Otto Schlüter descrevia a paisagem a partir das atividades humanas e explicava suas origens. Mas foi com a criação do termo *Kulturlandschaft* (Paisagem cultural) que Schlüter passou a descrever a paisagem que foi transformada pelo homem, ou seja, a paisagem cultural. Somente quando Schlüter e Passarge investigaram a relação dos elementos que compõem a paisagem é que essa base teórica e metodológica começou a se delinear (RIBEIRO, 2007).

Por outro lado, no mesmo período, Carl O. Sauer figura como o precursor da paisagem nos Estados Unidos. Sauer aparece em diversos trabalhos no campo da paisagem (CARVALHO; MARQUES, 2019; GONZÁLEZ-VÉLEZ, 2016; GREER; DONNELLY; RICKLY, 2016; TIMMS, 2016). Suas contribuições para com a epistemologia da paisagem foram fundamentais, servindo como base para todo um pensamento científico e elevando a Geografia Cultural a um novo patamar. Em sua obra “*The morphology of Landscape*”, de 1925, Sauer coloca a paisagem no cerne da Geografia e, baseado nas concepções de Schlüter e Passarge, sugere a separação entre paisagem natural e paisagem cultural na medida em que entende o homem como transformador da natureza, além de se apoiar na ideia de que a paisagem

deve ser estudada apenas sob aquilo que o olho pode ver (RIBEIRO, 2007; SILVEIRA, 2009). Aqui, entendia-se a natureza antes e depois da ação do homem.

Influenciado pela definição de cultura de Alfred Kroeber, Sauer rompe com o determinismo ambiental ao considerar, com uma visão mais darwinista, que a ideia de paisagem só se dá se considerarmos suas relações com o tempo e o espaço. Neste contexto, o homem transforma a paisagem (que pode já ser cultural), volátil, passível de se desenvolver a cultura ou de a substituir (RIBEIRO, 2007). A ideia inicial de Sauer, ao tentar remontar a paisagem ao seu estado natural para entender as relações estabelecidas, se tornou um grande impecílio no desenvolvimento desse tipo de estudo, fazendo com que ele renegasse parte do seu trabalho.

Apesar das críticas, a influência de Sauer é inegável, pois trouxe generosas contribuições no sentido do reconhecimento de paisagem como um conceito científico (RIBEIRO, 2007). A separação do conceito de paisagem é impossível, pois a condição trazida com “o advento da modernidade, a partir do século XVIII, impõe um modelo de ser, pensar e produzir inspirado numa visão mecanicista, enxergando a natureza como uma fonte inesgotável de recursos” (SILVEIRA, 2009, p. 4).

Acerca da simbologia da paisagem, Ribeiro (2007) afirma que no final da década de 1960 surgiu a corrente chamada “Geografia Humanista” que, por sua vez, contestava a Geografia Cultural. Nesse momento, a paisagem vai além do que se pode ver, ela é consequência da ação humana, é criação simbólica. O autor verifica que David Lowenthal e Yu-Fu Tuan preferiram se debruçar sobre o conceito de lugar com enfoque na ideia de pertencimento do que no próprio conceito de paisagem. Abre-se espaço, então, para múltiplas abordagens sobre a paisagem dentro da Geografia Humanista. Neste sentido, vários trabalhos tiveram um denominador comum: “a percepção da paisagem como um documento a ser lido” (RIBEIRO, 2007, p. 24–25). O foco reside na análise da simbologia da paisagem e o caráter subjetivo do conhecimento são valorizados, rompendo com grande parte da ideia da Geografia Cultural, de Sauer, que passou a ser chamada de “Geografia Cultural Tradicional”. Esse novo movimento ficou conhecido como “Nova Geografia Cultural”.

Também de grande influência é o trabalho de James Duncan, *The City as a Text*, de 1990, que aborda o conceito de subjetividade ao interpretar a paisagem quando afirma que a leitura da mesma está sujeita às interpretações de um indivíduo ou de um grupo de acordo com seus princípios e símbolos. A partir disso, surge Denis Cosgrove tratando dos aspectos simbólicos da paisagem ao afirmar que eles advêm dos meios de produção de uma sociedade ao mesmo tempo em que tece uma crítica à visão hegemônica europeia de paisagem (RIBEIRO, 2007).

A forma como se vê o mundo pode ser traduzida em paisagem, porém essa paisagem não pode ser compreendida sem considerar a história da economia e da sociedade (RIBEIRO, 2007). O autor afirma que deixar a sociedade de fora da análise, suas relações de produção e o lugar onde vivem seria insatisfatório. Ainda verifica que Crosgrave identifica duas vertentes na paisagem: na primeira, enxerga-se a paisagem sob a ótica artística e literária daquilo que é notável aos olhos; na segunda, a paisagem compreende a relação dos fenômenos físicos e humanos, possibilitando sua verificação através de métodos científicos. Além disso, há, ainda, paisagens dos grupos dominantes e paisagens alternativas, já mostrando a dialética Marxista (RIBEIRO, 2007).

Até aqui, Ribeiro (2007) se utilizou de trabalhos na língua inglesa para compreender o conceito de paisagem, mas não deixa de lado as contribuições da língua francesa. Segundo o autor, Paul Vidal de La Blache queria estudar o lugar e não o homem, uma vez que seria interessante compreender as causas e efeitos que, combinadas, moldavam a superfície da terra. Impossibilitado de deixar o ser humano de lado em seus estudos, La Blache afirma que o homem, dotado de iniciativa/ação no meio onde está inserido, é agente transformador; logo, o interesse de La Blache reside em tudo aquilo que está entre o meio e o homem, ou seja, tudo aquilo que resulta da ação do homem na natureza, tendo especial interesse pela fisionomia e morfologia da paisagem (RIBEIRO, 2007). O resultado dessa abordagem trouxe o reconhecimento do *gênero de vida*⁷, uma vez que essa relação do homem com o meio, ao longo dos tempos, acaba por moldar paisagens específicas que são particularmente formadas a partir das condições do próprio meio. Outrossim, “a relação entre homem e natureza vai passando de uma simples adaptação a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem própria de cada porção do globo terrestre” (SILVEIRA; ARAÚJO, 2013, p. 63).

Os dois métodos de análise vistos serviram de base para a Geografia compreender a paisagem, partindo da ideia de que a paisagem existe tanto na realidade material de um espaço físico quanto no imaginário de um ou de vários sujeitos (SILVEIRA, 2009; TIMMS, 2016). Contudo, especialmente no início do século XX, nota-se uma junção dessas duas abordagens da paisagem que por muito tempo impossibilitou o amadurecimento da Geografia enquanto ciência, somente possível através da integração da Geografia Física e da Geografia Humana (SILVEIRA, 2009).

⁷ De acordo com Ribeiro (2007, p. 28), essa expressão foi criada por Paul Vidal de la Blache e “está relacionada ao conjunto de práticas e artefatos desenvolvidos pelos grupos humanos em consonância com as especificidades do meio e da história”.

A delimitação do conceito de paisagem e de paisagem cultural pode ser muito próxima devido ao próprio desenvolvimento dos conceitos na história. As abordagens vistas aqui se complementam e permeiam boa parte da construção do que é paisagem, amplamente discutido em diversas disciplinas. Há, portanto, um consenso sobre o conceito de paisagem?

Silveira (2009, p. 3) entende a paisagem a partir da sua constituição “como resultado do estabelecimento de uma inter-relação entre a esfera natural e a humana, na medida em que a natureza é percebida e apropriada pelo homem, que historicamente constitui o reflexo dessa organização”. Ela pode ser entendida como um sistema aberto, complexo, cultural e unificador na medida em que integra diversos campos do conhecimento, as complexidades de seus territórios e seus processos de produção (LOURENÇO, 2018; SILVEIRA, 2009), visão também compartilhada no laboratório de pesquisa *Pagus*⁸, acrescentando que essa complexidade se configura a partir da própria dinâmica desse sistema e através das relações ambientais, ecológicas, econômicas e culturais que interagem entre si, se influenciam e se transformam continuamente e que moldam a geografia de uma região. Essa complexidade também pode ser entendida a partir da própria dinâmica desse sistema por meio dos componentes ecológicos e culturais que se influenciam e se alteram, resultando em interações que moldam a região (GREER; DONNELLY; RICKLY, 2016; RIBEIRO; LOPES; BOUCAULT, 2018; VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016).

Para Verdum, Vieira e Pimentel (2016), as paisagens são vistas de forma diferente por cada indivíduo, dependendo de sua trajetória, consciência e experiência. Em outras palavras, cada pessoa desenvolve ideias que vão influenciar seu comportamento e sua visão em relação à paisagem e essas ideias são reflexos da matriz cultural da sociedade onde este indivíduo está inserido. Ainda, a paisagem nada mais é do que o resultado da influência humana sobre a superfície da terra que deixa marcas ao longo do tempo através das “formas, linhas, cores e texturas, condicionadas por fatores geológicos, geomorfológicos, ecológicos e climáticos em constante transformação por dinâmicas físicas, sociais, econômicas e culturais” (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p. 132–133). Knudsen (2016) compartilha dessa ideia ao entender a paisagem como sendo uma espécie de produto que é fruto da interação **homem x meio ambiente**, uma relação que deixa marcas e que transforma um lugar em algum lugar.

Neste contexto, a paisagem conserva a marca de diversos tempos dessa simbiose entre sociedade e natureza, surgindo como produto de uma construção social e histórica baseada na

⁸ Laboratório da Paisagem, do Departamento de Geografia/Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

natureza (NASCIMENTO; SCIFONI, 2010). Em outras palavras, a marca que esses autores se referem diz respeito às evoluções de que tratam a CoEP e nada mais é do que o próprio agir do tempo e da sociedade na apropriação e no usufruto desses locais, moldando e construindo modos de vida que lhes são convenientes em determinado período da história. Nascimento e Scifoni (2010, p. 31) afirmam que essas marcas “traduzem diferentes temporalidades, não somente o tempo da história humana, mas também, o tempo da natureza”. É nesse ambiente de apropriação humana que as mudanças ocorrem de acordo com as sociedades e as necessidades da época. Sendo assim, se estabelece uma relação que se adequa às condições desse período na história.

Para Vasconcelos (2012, p. 58), a CoEP “não tem por objetivo impedir as mudanças naturais ou culturais das paisagens dos países signatários, mas acompanhá-las, permitindo a evolução destas paisagens sem perder os seus registros históricos”. Dessa forma, devido a própria dinâmica imprevisível da natureza e o impacto das sociedades na paisagem, é impossível congelar seu estado uma vez que ele se transforma a todo momento de acordo com tais influências (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016). Por outro lado, a CoEP também constata que “as evoluções das técnicas de produção [...] e, de modo mais geral, as alterações na economia mundial estão em muitos casos a acelerar a transformação das paisagens”⁹ (COUNCIL OF EUROPE, 2000, p. 8, tradução nossa).

Criar paisagens protegidas para proteger a natureza da interferência humana é intrinsecamente contraditório, refletindo a dificuldade em compreender os humanos como parte integrante da natureza (TIMMS, 2016). Não é sobre não mudar a paisagem, mas sim sobre a preservar sabendo que ela irá mudar de uma forma ou de outra, sendo paradoxal os esforços para se congelar uma paisagem ou torná-la estática. Por ser um sistema complexo e dinâmico, a paisagem está em constante mudança.

Para se ter uma ideia da importância das paisagens, o Conselho da Europa criou o Prêmio da Paisagem¹⁰ que, de dois em dois anos, elege práticas exemplares que refletem a qualidade das paisagens bem-sucedidas nos territórios dos países signatários da CoEP. O prêmio é distribuído para o país que melhor desenvolveu o seu território de forma sustentável e que integrou a participação pública em suas decisões, conscientizando e sensibilizando este público para o valor da paisagem. Há, portanto, uma peculiaridade que pode ser traduzida como sendo

⁹ “Developments in agriculture, forestry, industrial and mineral production techniques [...] and, at a more general level, changes in the world economy are in many cases accelerating the transformation of landscape”.

¹⁰ Para mais informações, visite: <https://www.coe.int/en/web/landscape/landscape-award>.

o elemento essencial próprio de algum lugar que dá sentido e valor para que a paisagem tenha seu reconhecimento a nível cultural, ou seja, que confere identidade à paisagem e a distingue de outras (NASCIMENTO; SCIFONI, 2010).

Convém reforçar que por ser algo vivo e dinâmico, a paisagem vai se modificando ao longo do tempo sob a influência da natureza e do homem. O clima pode influenciar a paisagem, bem como o contexto cultural de uma sociedade também é capaz de modificá-la. Assim, a paisagem passa a ser entendida como um documento histórico que é escrito sucessivamente com a adição de novos elementos e também com a transformação daqueles já existentes (VASCONCELOS, 2012).

Para Domingues (2012, p. 65), “mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades e, com elas, as paisagens”. Essas mudanças são, em suma, reflexos de mudanças sociais e “ao contrário do bem material, não faz sentido estabelecer a permanência de suas características originais” (VASCONCELOS, 2012, p. 63). Dessa forma, não faz sentido congelar a paisagem através de sua “musealização”, pois ela é dinâmica e reflete o contexto histórico, social e econômico de um povo em uma determinada época. É mais fácil perceber a questão do congelamento da paisagem quando Carvalho e Marques (2019, p. 95) explicam que

No geral, não se pretende sugerir “musealizar” a paisagem mas sim tentar construir uma base sólida e prática de informação, fundamentada nos valores e dinâmicas da paisagem cultural, na história da paisagem ao longo do tempo, que permita orientar intervenções integradas na inevitável mudança cultural, social e tecnológica, promovendo o equilíbrio entre mudança e preservação, de forma a que o resultado final, permita então, que os valores e dinâmicas de uma dada paisagem cultural, que definem a sua identidade e que a distinguem enquanto “paisagem de valores”, perdurem. Promover e respeitar a diversidade e memória da paisagem, aliando às dinâmicas territoriais (sociais, econômicas, entre outras), afigura-se um ponto estratégico.

Assim, fica claro a intenção de preservar a paisagem levando em consideração o equilíbrio que as autoras mencionam, mantendo as características que conferem identidade e valor ao respeitar a diversidade da paisagem. Partindo dessa ideia, as paisagens podem constituir uma importante ferramenta no desenvolvimento da economia dos locais, especialmente os rurais. A paisagem é o reflexo da qualidade do meio ambiente e da cultura nas regiões rurais, além de servir como parâmetro para a experiência solicitada pela maioria dos turistas que visitam as áreas rurais (LAVRADOR; ROCHA, 2018). Contudo, Figueiredo (2003) alerta para o perigo por detrás desse desenvolvimento quando afirma que a dicotomia existente entre as qualidades comercializáveis, os contextos históricos, sociais e econômicos e a descaracterização do local com a consequente perda da sua autenticidade são efeitos negativos da atividade turística.

Em síntese, pensar a paisagem não diz respeito apenas à sua morfologia, mas também às interações dos seres humanos nessa paisagem, sendo necessário realizar uma análise mais subjetiva da paisagem que reconheça os diversos modos de ver e que tenha interesse em seu significado (UZUN; SOMUNCU, 2018). A separação entre a paisagem natural e cultural está caindo em desuso, uma vez que a ação humana já é percebida mesmo nos locais mais remotos do planeta, dando a entender que já não mais existem paisagens naturais (SILVEIRA, 2009), ou seja, não existe mais natureza intocada. Ao que tudo indica, “toda paisagem é cultural” (VASCONCELOS, 2012, p. 56). Neste contexto, é importante realçar a noção de paisagem cultural e integrar a questão da identidade, fundamental para a noção de valor.

1.2 Paisagem Cultural e Identidade

Diversos são os estudos que afirmam que a Geografia foi a primeira disciplina a se dedicar ao estudo da Paisagem Cultural, gerando duas abordagens distintas: a Geografia Cultural Tradicional e a Nova Geografia Cultural (CARVALHO; MARQUES, 2019; MANFIO, 2019; VASCONCELOS, 2012). Conforme visto anteriormente, a primeira abordagem analisa a paisagem através da sua morfologia, enquanto a segunda a interpreta com base em sua simbologia.

A popularização do termo “Paisagem Cultural” aconteceu através da sua adoção por parte da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1992, ano em que foi inserido como categoria na Lista do Patrimônio Mundial (VASCONCELOS, 2012).

Apoiadas no trabalho de Ribeiro (2007), Nascimento e Scifoni (2010, p. 30) verificaram haver “uma longa discussão sobre o conceito de paisagem cultural, oriunda, de um lado, da produção acadêmica, sobretudo na ciência geográfica, e, por outro lado, da experiência internacional a partir dos trabalhos da UNESCO e da Convenção Europeia da Paisagem”, atestando a linha tênue existente entre o conceito de paisagem.

Para Ribeiro, Lopes e Boucault (2018), o conceito de paisagem cultural se constrói a partir do entendimento da relação entre as estruturas biofísicas e a expressão cultural do ser humano. Castriota (2016) salienta que a paisagem cultural compreende as mais diversas formas de manifestação e interação entre o homem e seu habitat, deixando claro a ambiguidade e complexidade também dentro da esfera do patrimônio. Segundo o autor, essa ideia começa a fazer parte do planejamento e organização do território no órgãos nacionais, regionais e locais no Brasil. Por exemplo, a Carta de Bagé (ou Carta da Paisagem Cultural) estabelece o seguinte:

Art. 2º - A paisagem cultural é o meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todos os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com o homem, passíveis de leituras específicas e temporais (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL, 2007, p. 2).

É possível observar uma abordagem muito próxima à própria definição de paisagem ao reforçar uma complexidade¹¹ também estendida para esse nível cultural devido às relações existentes entre o homem e o meio em que habita, traduzindo suas transformações não só em elementos materiais, mas também em elementos imateriais. Assim, é possível pensar que cada comunidade possui a sua identidade (CARVALHO; MARQUES, 2019). Partindo desse pressuposto, entende-se a paisagem não apenas como um retrato do terreno que exhibe sua morfologia, mas também como uma forma de idealizar um lugar onde são construídas as relações sociais que criam e dão significado e identidade a esse lugar (HUFF, 2016).

Carvalho e Marques (2019) verificam que na virada do século XX para o século XXI houve uma busca em entender a paisagem como patrimônio cultural frente às ameaças trazidas pela globalização de tal maneira que é impossível falar de paisagem cultural sem falar de patrimônio. Contudo, se na tentativa de conceituar a paisagem cultural já se encontra grande dificuldade, a sua inclusão com caráter patrimonial se torna ainda mais difícil (CASTRIOTA, 2016). Em 1940, a Convenção de Washington ainda tinha como pressuposto a beleza da paisagem, porém essa ideia só mudou após a Convenção para a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural (organizada pela UNESCO e aprovada em 1972), que tratou dessas questões quando deu oportunidade para que esse tipo de bem pudesse ser inscrito como patrimônio na Lista do Patrimônio Mundial. Em 1976, foi criado o Comitê de Patrimônio Mundial, estabelecendo que a paisagem cultural reflete “a relação entre a cultura e o meio natural, entre as pessoas e seu ambiente” (RIBEIRO, 2007, p. 48). Surge, então, o Fundo do Patrimônio Mundial, seguido das Orientações para a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial. Neste contexto, cabe ressaltar dois critérios importantes para este trabalho acerca da inscrição de um bem na Lista do Patrimônio Mundial que constam nestas orientações. Os critérios avaliam um bem de valor universal excepcional.

De acordo com os critérios da cláusula 77 das Orientações para a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial, os bens podem ser inscritos segundo seus valores naturais ou culturais e devem:

¹¹ Para mais estudos que abordam a questão da complexidade, ver: MOTTET et al. (2006); RIBEIRO, LOPES e BOUCAULT (2018).

(iii) constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização que está viva ou que já desapareceu;

(v) ser um exemplo notável de um assentamento humano tradicional, uso da terra ou uso do mar que é representativo de uma cultura (ou culturas), ou interação humana com o meio ambiente, especialmente quando se tornou vulnerável ao impacto de mudanças irreversíveis; (UNESCO, 2019, p. 25, tradução nossa).

Uma outra possibilidade é a inscrição de um bem como bem misto, ou seja, aquele bem que atende tanto aos critérios naturais como aos culturais.

De acordo com Ribeiro (2007), é imprescindível que as paisagens sejam selecionadas como forma representativa de uma região, demonstrem o(s) valor(es) que caracteriza(m) seus elementos culturais e atestem sua autenticidade perante outras regiões, valorizando a sua funcionalidade e inteligibilidade de forma a compreender a totalidade da paisagem ilustrada. Além disso,

As paisagem são consideradas ilustrativas da evolução da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, sobre a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças social, econômica e cultural, que nelas interferem (RIBEIRO, 2007, p. 41).

Neste sentido, a Paisagem Cultural dos Terraços de Arroz de Honghe Hani (**Figura 2**), na China, e a Paisagem Cultural do Rio de Janeiro (**Figura 3**), no Brasil, são alguns exemplos de paisagem cultural que atestam a autenticidade desses lugares e que vão de encontro aos critérios da UNESCO.

Ainda no escopo da classificação das paisagens culturais pela UNESCO (2019, p. 83, tradução nossa), existem duas categorias que compreendem o tema deste trabalho:

(ii) Paisagem evoluída organicamente;

(iii) Paisagem cultural associativa.

A primeira vai tratar da materialidade da paisagem sob aspectos sociais, econômicos, administrativos e/ou religiosos. Já a segunda trabalha a imaterialidade da paisagem em associação aos fenômenos religiosos, artísticos ou culturais na natureza, por vezes dispensando sinais culturais materiais.

Para Fowler (2003 apud RIBEIRO, 2007, p. 49), a ideia de paisagem cultural do Comitê de Patrimônio Mundial envolve também a noção “de pertencimento, significado, valor e singularidade do lugar”. Essas características envolvem elementos da dimensão imaterial do patrimônio, sendo vitais para a manutenção e continuidade dos sistemas tradicionais de cultura e de produção que hoje estão em perigo devido a diversos fatores, como por exemplo a homogeneização da paisagem com a industrialização da terra e a disputa pela larga produção. Essa corrida pela homogeneização da paisagem tem impactos alguns negativos que afetam a

Figura 2 – Paisagem cultural dos terraços de Arroz de Honghe Hani, China



Fonte: [Wikimedia Commons](#). Acesso em: 30 jul. 2021.

Figura 3 – Rio de Janeiro: paisagens cariocas entre a montanha e o mar, Brasil



Fonte: [Wikimedia Commons](#). Acesso em: 30 jul. 2021.

configuração da paisagem cultural, descaracterizando-a e apagando a identidade e autenticidade da região (CASTRIOTA, 2016).

É importante referir que a definição de paisagem cultural vai muito além de ser apenas a paisagem física, concreta, aquela que a vista alcança. Acrescenta-se o significado histórico/cultural, a continuidade e tradição, a religiosidade e estética da paisagem como patrimônio. Assim, o reconhecimento da categoria de paisagem cultural na Convenção do Patrimônio Mundial

Passou a incluir outras manifestações de paisagem, interpretando o tempo, o meio ambiente e as forças culturais como modeladoras das mesmas [...] Neste âmbito, surgem conceitos que interpretam a paisagem cultural à luz de noções patrimoniais, realçando o valor histórico ou estético (CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 89).

A inclusão da paisagem cultural na lista da UNESCO tornou próximo o conceito de paisagem, fazendo com que fosse importante estudar as paisagens culturais porque elas estão em crise. A partir do momento em que o modo de vida tradicional de uma região deixa de ser importante na construção da paisagem frente aos processos de urbanização do campo, da mecanização da agricultura e do êxodo rural, por exemplo, a crise da paisagem se instaura (DOMINGUES, 2012). A partir da ideia de modernização de que trata Domingues, enxerga-se um reflexo do próprio capitalismo, de consumo exacerbado, acelerado, cuja promessa se fundamenta em questões puramente econômicas e que vão alterar a paisagem.

Para Vasconcelos (2012, p. 53), “em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz, transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura”. Como consequência, o meio ambiente pode ficar permeado de significados culturais e de simbologia através da ação humana enquanto modeladora da paisagem (VASCONCELOS, 2012). Essa ação modeladora traz impactos positivos e negativos na paisagem, sendo necessário reconhecer e proteger as paisagens culturais dotadas de valores excepcionais ao redor do mundo.

Ao entender a paisagem como um texto que pode ser lido, como um documento a ser investigado, analogamente é possível entendê-la como um museu que pode ser visitado e explorado. Reitera-se que o objetivo não é “congelar” a paisagem, pois ela faz parte de um sistema dinâmico e está sempre em processo de transformação. Fortuna (2013) equipara a identidade dos sujeitos à identidade dos museus e afirma que ela se faz no presente, na experiência, referindo-se à ela como um reflexo de pertencimento, de identificação. O que é um museu se não um lugar de reconhecimento, de pertencimento?

Para Rose (1995 apud HUFF, 2016, p. 20, tradução nossa), a identidade “é um senso próprio derivado de experiências vividas e sentimentos subjetivos embutidos nas relações

sociais”¹². Com efeito, a paisagem reflete a identidade e a cultura de uma sociedade, logo, a identidade, a paisagem e o lugar não existem se estiverem isolados (HUFF, 2016). Esses componentes estão integrados e se relacionam entre si nesse sistema aberto e complexo. Em outras palavras, as paisagens não são compostas de objetos isolados: esses objetos fazem parte de um processo de identidade muito mais ampliado (WOLFEL, 2016).

Nesse contexto, as paisagens culturais manifestam traços característicos de um lugar que conferem identidade ao local e contam, como em um palimpsesto, a história da relação entre o homem e a natureza (OLIVEIRA, 2003). Além disso, essa identidade se manifesta através de símbolos físicos (HUFF, 2016) que reproduzem normas culturais e estabelecem valores dos grupos dominantes. Para Greer, Donnelly e Ricky (2016), as relações de poder ficam explícitas a partir do discurso sobre o significado das paisagens. Ou seja, quem detém o capital é que vai moldar e utilizar a paisagem como uma forma de transmitir (ou incutir) o que acredita ser a identidade, logo, a utilizam para “promover poder” (WOLFEL, 2016, p. 67).

Como forma de atestar a relação entre o homem e o meio, a paisagem precisa representar características assinaladas do território que ilustram os valores culturais e ambientais que remetam à memória e à identidade de vários grupos sociais (VASCONCELOS, 2012). Sendo assim, entender a paisagem enquanto fenômeno requer

Uma construção contínua social e ao mesmo tempo particular, onde se sobrepõem a identidade, os conhecimentos, a memória e os sentimentos de cada pessoa, associados ao processo cultural que remete à organização coletiva em que estamos inseridos, com toda sua carga simbólica (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p. 133).

Para entender a paisagem, Freitas et al. (2018, p. 397) destacam que isso só é possível através da “singularidade que promove a atratividade dos locais”, ou seja, é através das características e relações únicas que são estabelecidas no local em foco. Contudo, é preciso ter especial atenção para perceber que a paisagem não é estática e está em constante mudança (HUFF, 2016). Logo, é natural que a paisagem cultural mude e que suas características atuais não sejam as mesmas da original. Mas até que ponto isso reflete a identidade que outrora foi outorgada?

É preciso deixar claro que as duas abordagens apresentadas para compreender a paisagem são importantes e ajudaram a construir todo o conhecimento em volta do termo, porém não é mais comum atualmente separar a paisagem entre natural e cultural, ou entre matéria e fenômeno. Como afirmam Verdum, Vieira e Pimentel (2016), o avanço conceitual só acontecerá ao se considerar a relação existente entre a forma e seu valor imaterial, entre o que

¹² “is a sense of self derived from lived experiences and subjective feelings embedded in social relations”.

vemos e o que não vemos. Também é importante notar que atualmente a discussão se foca na preservação da identidade das paisagens culturais frente a um mundo globalizado, imerso em mudanças, por isso faz sentido falar em transmissão do saber de geração em geração, uma vez que isso caracteriza as diversas formas de lidar com o meio ambiente na busca de adaptação por parte do ser humano, demonstrando, em última instância, a importância da construção das paisagens culturais (CARVALHO; MARQUES, 2019).

Diante do exposto, este trabalho se preocupa em estudar a paisagem da RVV, no norte de Portugal, à luz dos conceitos vistos até aqui, dando especial enfoque na visão e percepção dos residentes dessa região para compreender a construção e o valor da paisagem cultural da RVV como patrimônio português, único no mundo e que pode vir a desaparecer.

2 MORFOLOGIA E SIMBOLOGIA DA PAISAGEM DOS VINHOS VERDES

Se for verdade que a atribuição de valor de patrimônio é uma ação realizada a partir dos valores simbólicos atribuídos a um bem, seja este bem material ou não, é verdade também que elas estão estritamente ligadas à organização do espaço e à manifestações físicas da paisagem.

(Rafael Winter Ribeiro)

Em primeiro lugar, é preciso falar da ideia de senso comum sobre os Vinhos Verdes. Expressões do gênero “é um vinho que apresenta coloração esverdeada” são apenas reflexos de um profundo desconhecimento sobre o produto – vinho – e, principalmente, sobre a região em questão. Assim, “Vinhos Verdes” não diz respeito à cor do vinho, mas sim à identificação de uma região – ou *terroir*¹³ – (CARDOSO, 2018), tanto que se produzem vinhos verdes tintos, brancos e rosés na região e logicamente eles não possuem coloração verde.

Para Alves (2017), a região que produz o vinho verde não é entendida propriamente como uma região e sim como um estilo de vinho, sendo até considerado de baixo custo. É importante mencionar que o termo “vinho verde” é uma designação criada para identificar o vinho que é produzido na RDVV, compreendida no Entre Douro e Minho, uma região inserida entre esses dois rios (LEITÃO, 2011) e que faz parte da Indicação Geográfica Minho¹⁴ a noroeste de Portugal.

De acordo com Cardoso (2018, p. 243), “um vinho diferente dos restantes vinhos produzidos no norte de Portugal ganhou a designação de ‘Verde’ pelo menos desde os alvares do século XVI”, tendo emprestado o nome à região. O autor verifica a utilização de “vinho verde” ao confirmar que o termo não diz respeito à uma paisagem verde, muito menos à cor do vinho. Ele é, sobretudo, utilizado como referência ao processo de produção deste tipo de vinho que utiliza as uvas ainda verdes, em estágio pouco avançado de maturação. Assim, surge a RDVV, cujo nome se refere

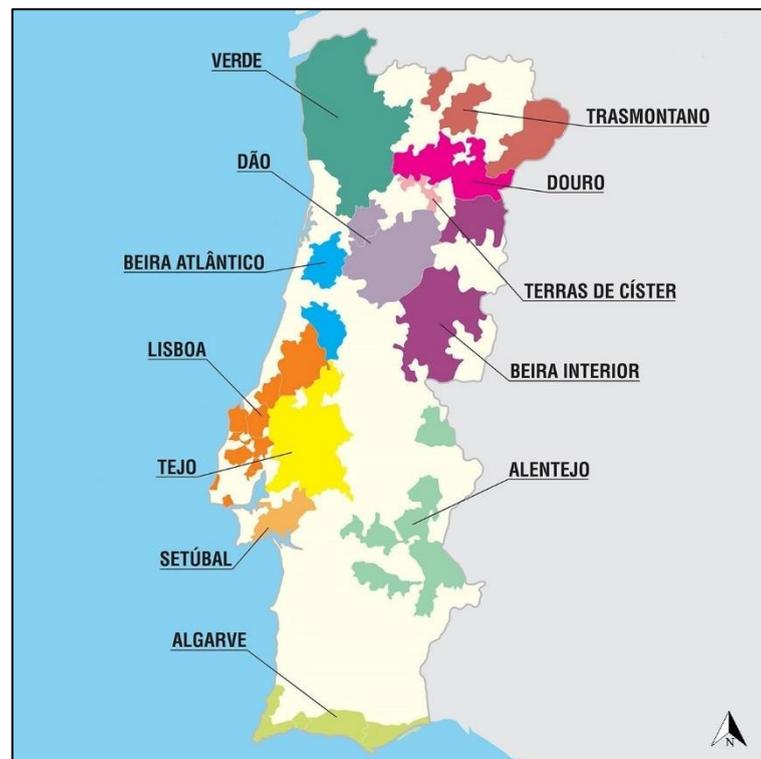
¹³ Termo existente somente na língua francesa, diz respeito a um conjunto de fatores naturais (solo, geografia, geologia e clima) que influencia no cultivo e qualidade da uva e de fatores relativos à ação do homem na elaboração do produto. Estes fatores contribuem para dar ao vinho uma especificidade única.

¹⁴ A Indicação Geográfica informa ao consumidor a origem ou a proveniência de um produto e serve também para garantir que o produto reúne determinadas características e qualidades específicas, uma vez que é protegida por legislação; nesse caso, trata do Vinho Regional Minho.

[...] precisamente à conjugação do clima e solos da vasta região que o produz e às antigas técnicas de viticultura locais (vinhas exuberantes, conduzidas em altura e profusamente regadas pela água das hortas) que condicionavam a maturação das uvas. Vinhos Verdes porque efetivamente feitos a partir de uvas pouco amadurecidas (CARDOSO, 2018, p. 243).

Criada em 18 de setembro de 1908, a RDVV é a maior Região Demarcada Portuguesa (ver **Figura 4**) e uma das maiores da Europa. Além dos dois rios supracitados (o primeiro ao sul e o segundo ao norte), tem como limites também as serras da Peneda, Gerês, Cabreira e Marão à leste e o Oceano Atlântico à oeste que influencia as condições naturais da região propiciando a produção de excelentes vinhos (CVRVV, 2020; MARQUES, 1987).

Figura 4 – Regiões vitivinícolas de Portugal continental

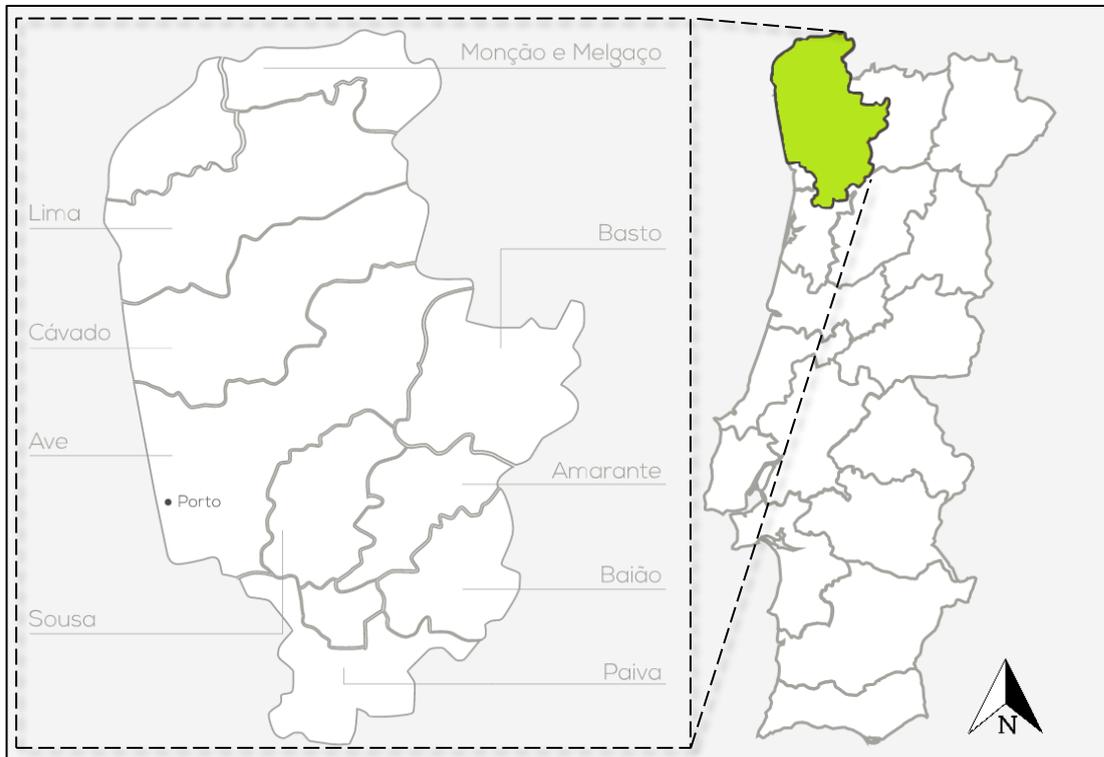


Fonte: Adaptado de [Olivença Cozinha Ibérica](#). Acesso em: 02 ago. 2020.

Os solos apresentam pouca profundidade, texturas predominantemente arenosas a franco-arenosas, acidez naturalmente elevada, pobreza em fósforo e são na sua maioria de origem granítica. O clima é ameno e há elevada precipitação. Todas essas características refletem-se na frescura, leveza e elegância dos vinhos desta região. Contudo, algumas regiões apresentam variações que influenciam as características do *terroir* e, conseqüentemente, o vinho (CVRVV, 2020). A partir das variações na tipologia dos solos, dos microclimas, dos

modos de condução das vinhas, dos tipos de vinhos e de ordem cultural, a região foi dividida em nove sub-regiões¹⁵ de acordo com a **Figura 5**.

Figura 5 – Recorte da Região dos Vinhos Verdes e suas sub-regiões



Fonte: Adaptado de [Mirus](#). Acesso em: 25 maio 2021.

Introduzidas algumas características físicas relevantes da região, é importante ressaltar que este capítulo foi pensado de forma a considerar as duas vertentes de que trata Ribeiro (2007) em seu trabalho “Paisagem cultural e patrimônio”: uma que considera a morfologia da paisagem e outra que considera a simbologia da paisagem. Convém ainda explicar que não se trata de separar a paisagem natural da paisagem cultural, afinal toda paisagem é cultural. Como será possível observar, por vezes é difícil separar a morfologia da paisagem dos símbolos presentes na RVV.

2.1 A Paisagem Cultural Da Região dos Vinhos Verdes

Uma paisagem cultural pode ser identificada através de seus elementos físicos (estradas, edifícios, muros e vegetação) e pelas formas de uso que evidenciam seus valores e tradições culturais (TIRNAKÇI, 2021). Em relação à produção de vinho, apesar de ser difícil saber com

¹⁵ Para detalhes sobre as características e especificidades de cada região, conferir: <https://www.crvv.pt/pt/regiao-demarcada>.

precisão quando se iniciou a produção de vinho em Portugal, o cultivo da vinha e da produção de vinho já existia ainda em época pré-romana (FABIÃO, 1998; LEITÃO, 2011), mesmo antes da ocupação da península ibérica pelos romanos por volta do século III a.C., embora predominante na região sul do país, o que denota a influência e a relevância dessa atividade tanto a níveis sociais e econômicos quanto paisagísticos. Leitão (2011) refere que no vale do Douro, por exemplo, a vinha se estendia e cobria as vertentes com a ajuda dos socalcos e que a paisagem que se conhece hoje é fruto do trabalho de várias gerações. O autor salienta que após a reconquista¹⁶ houve um acréscimo na cultura da vinha, sobretudo com a utilização dos sistemas de condução tradicionais.

No caso da região em questão (que posteriormente viria a se chamar RVV), devido aos sistemas agrários praticados na RVV os solos adquiriram fertilidade considerável por causa da utilização de matéria orgânica e da construção de socalcos (elemento marcante na região). Além disso, um dos traços mais típicos da região são as suas formas de condução tradicionais (**Quadro 1**), todas mais altas do que as utilizadas em outras regiões do país (CVRVV, 2020).

Quadro 1 – Sistemas de condução tradicionais

Tipo de Condução	Características
Enforcado ou Uveiras	Sistema mais famoso e ancestral na região, na orla dos campos, dos caminhos, dos ribeiros, junto aos carvalhos, aos castanheiros, aos choupos, às cerejeiras ou aos plátanos, tem por suporte um tutor vivo (árvore) onde a folhagem se entrelaça numa quase simbiose. Estas videiras podem atingir enormes proporções. Não exigem espaço nem adubação próprios, satisfazem-se muitas vezes com podas ano sim, ano não, e cada pé pode produzir vários cestos de uvas.
Arjões ou Festão	Entre as várias árvores plantadas nas bordaduras dos campos (enforcado) era usual estender fios de arame até à altura de 6 a 8 metros, deixando as videiras expandirem-se livremente nestes fios horizontais sustentados em tutores vivos. Assim como os enforcados, os arjões são típicas de uma produção vinícola em regime de agricultura intensiva, não especializada, consociada com outras culturas, e que tira proveito de uma produção que praticamente não ocupa espaço no solo e não requer dispêndio de mão-de-obra.
Ramada ou Latada	Estruturas horizontais ou inclinadas, de ferro ou de madeira e arame, assentes sobre esteios, geralmente de granito, desenvolvendo-se a folhagem num plano paralelo ao solo, a altura variável, formando autênticos corredores. Estas estruturas veem-se com frequência sobre caminhos, largos, logradouros públicos como tanques e fontes, ou na orla dos campos, podendo também aparecer, mais raramente, em sistema de vinha contínua. No seu sentido mais comum, trata-se de um sistema que permite aproveitar produtivamente espaços improdutivos, deixando livre o restante do terreno para outras culturas.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em CVRVV (2020) e LEITÃO (2011).

¹⁶ A Reconquista foi a luta dos Cristãos contra os Muçulmanos para recuperar o território perdido na Península Ibérica e durou cerca de oito séculos, decorrendo entre o século VIII e o século XV. Disponível em http://www.agrupamentopedroeaneslobato.pt/19_20_ma_5abdef_hgp_2.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

A escolha dos sistemas de condução da vinha envolve decisões culturais que refletem na paisagem a se constituir. Os arranjos das vinhas são condicionados ora pelas características do terreno, ora pelo seu custo. A decisão mais importante é a escolha da forma de condução da videira porque isto influencia na qualidade das uvas a produzir (CVRVV, 2020). A **Figura 6**, a **Figura 7** e a **Figura 8** exemplificam os sistemas de condução tradicionais do **Quadro 1**.

Figura 6 – Enforcado ou Uveiras



Fonte: a) [Blogue do Minho](#); b) [Além do Vinho](#); c) [Agrupamento Vale de Ovil](#). Acesso em: 17 jun. 2021.

Figura 7 – Arjões ou Festão



Fonte: Adaptado de a) [Mendes Nunes](#); b) [Município de Lousada](#); c) [Didu Russo](#). Acesso em: 17 jun. 2021.

Figura 8 – Ramadas ou Latadas

Fonte: a) [Portugalin](#); b) [Zulmira Vinho Verde](#); c) [Sobre Vinhos e Afins](#). Acesso em: 17 jun. 2021.

Muitas das castas de uvas produzidas na RVV são consideradas autóctones por causa da sua antiguidade nesta região e pelo fato de terem surgido apenas no noroeste ibérico. Este é talvez dos fatores que traduz com maior intensidade a especificidade do vinho verde (CVRVV, 2020).

A partir da década de 1970, com os avanços do conhecimento e da necessidade de racionalizar custos, a região se deparou com a criação de novos sistemas de condução, ocasionando alterações na paisagem cultural da RVV. Esses sistemas de condução modernos (**Quadro 2**) também se diferenciam dos sistemas das outras regiões pois se utilizam de estruturas de suporte específicos para que a qualidade dos vinhos produzidos fosse mantida. A **Figura 9** e a **Figura 10** exemplificam os sistemas de condução modernos do **Quadro 2**.

O aluguel de terras para a plantação das vinhas, a falta de planejamento e orientação, o descuido e a falta de manutenção mostram “não apenas a incapacidade da população rural de conduzir seus próprios negócios, mas também o nível inadequado de avaliação da importância

Quadro 2 – Sistemas de condução modernos

Tipo de Condução		Características
Formas contínuas mais antigas	Cruzeta (Cordão Simples Retombante)	Armações em forma de cruz para suporte e disciplina dos cordões, ligadas entre si por dois arames paralelos onde correm as videiras.
	Cordão Duplo Retombante (GDC)	Separa as videiras ao longo da linha, passando de cordões simples a duplos, isto é, dividindo uma videira isolada em dois cordões que seguem em paralelo nos arames em sentido contrário. Poda e vindima totalmente mecanizada.
	Cordão Sobreposto Retombante (CSOB)	Conhecido como Cordão Sobreposto, surge para colmatar a menor densidade de plantação e de planos de vegetação (e consequentemente de produção) do Cordão Simples, pela sobreposição na vertical de duas sebes de vegetação totalmente retombantes.
	Cordão Simples Retombante (CSR)	Conhecido como Cordão Simples, surge como uma alternativa mais económica à Cruzeta. Formada por cordões simples, inicialmente com a plantação de 2 videiras juntas e posteriormente isoladas, só com um arame único para suporte do cordão que garante uma vegetação totalmente retombante.
Formas contínuas mais recentes	Cordão Simples Ascendente e Retombante (CAR)	Erroneamente conhecido por Sylvoz, reparte a sebe única do cordão simples retombante em duas direções opostas, abaixa o nível do cordão para valores da ordem de 1,20-1,35m e introduz mais dois níveis de arame superiormente ao nível do cordão.
	Cordão Simples Ascendente (CSA)	Erroneamente conhecido por Cazenave, a altura do cordão ao solo varia entre os 1,10-1,20m e admite 2 a 3 fiadas de arame acima do cordão para suporte da vegetação, que nesta região não deve ter valores nunca inferiores a 1m de altura. Recentemente usam-se arames duplos, pelo menos nas duas fiadas acima do cordão, ou a colocação de uma fiada móvel, que ao longo do crescimento muda de posição. É um dos sistemas mais adaptáveis à mecanização das operações de poda e vindima.
	Cordão Sobreposto Ascendente e Retombante (LYS)	Tendo como precursor o CAR, esse é o tipo de cordão mais recente na região. Uma videira divide-se em dois cordões que são orientados em sentidos opostos e a níveis diferentes, sendo o do nível superior responsável pela vegetação ascendente e o do nível inferior pela retombante.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em CVRVV (2020).

dos atrativos naturais nas áreas rurais como um recurso para o desenvolvimento sustentável da economia rural”¹⁷ (ZINCHUK et al., 2018, p. 614, tradução nossa). Por vezes a terra alugada serve para a implantação dos sistemas modernos de condução das vinhas, gerando a alteração do meio ambiente em função de uma produção mais eficiente e económica e, consequentemente, impacta a paisagem cultural da região. Para se utilizar das áreas rurais como benefício que emana da própria região, os moradores precisam estar aptos para gerir a paisagem e administrar este negócio. A partir dessa gestão, é possível falar de desenvolvimento sustentável como uma ferramenta que pode ser útil na preservação da identidade cultural da região.

¹⁷ “not only the inability of the rural population to conduct their own business, but also the inadequate level of assessment of the importance of natural attractions in rural areas as a resource for the sustainable development of the rural economy”.

Figura 9 – Cruzetas

Fonte: a) [Clube Vinhos Portugueses](#); b) [Fugas Vinhos](#); c) [Sogrape Vinhos Portugal](#). Acesso em: 17 jun. 2021.

Figura 10 – Cordão

Fonte: a) [Vinho Verde](#); b) [José Martino](#); c) [Sogrape Vinhos Portugal](#). Acesso em: 17 jun. 2021.

O crescimento econômico junto de mudanças sociais e da resolução de preocupações socialmente significativas são necessários para que haja desenvolvimento sustentável (ZINCHUK et al., 2018). Sem este cuidado, a região pode perder sua identidade, suas características únicas e, conseqüentemente, o seu potencial atrativo. É importante fazer essa observação porque a RVV é

Uma das regiões cujos valores ambientais e culturais se encontram mais ameaçados pela mecanização e pela produção em massa, particularmente nas áreas de maior aptidão para a produção vitivinícola. As mudanças registadas comprometem a qualidade da paisagem e a sua sustentabilidade, bem como a identidade associada à região, prejudicando a procura turística e a afirmação dos vinhos no mercado global (LAVRADOR; ROCHA, 2010, p. 2).

Ou seja, a alteração nas técnicas de cultivo das vinhas compromete a qualidade da paisagem, propriamente aquelas relativas ao sistema de condução das vinhas. Um exemplo disso é a remoção dos socacos, elemento muito característico que compõe a paisagem cultural da RVV (**Figura 11**), como solução para deixar o terreno mais plano visando a mecanização. Os socacos são importantes para a RVV por causa de sua estética e dos saberes tradicionais envolvidos na busca de um povo pela sua sobrevivência no meio ambiente, o que justifica o seu valor patrimonial. Esses valores são considerados parte integrante do conceito de paisagem cultural, tanto que a UNESCO faz referência ao valor estético como um dos critérios para definir o patrimônio mundial (HRIBAR et al., 2017). Importa referir que

A construção e manutenção de socacos cultivados é uma tarefa exigente. No passado, os socacos eram conectados com a agricultura de subsistência e representavam uma vantagem, mas com o maquinário moderno eles quase impediam os proprietários e geravam uma perda para eles¹⁸ (HRIBAR et al., 2017, p. 95, tradução nossa).

Ou seja, com o avanço da tecnologia e, conseqüentemente, com a utilização de máquinas para a otimização do processo de produção dos vinhos, os socacos são vistos como um empecilho à mecanização, o que pode ocasionar perdas econômicas em relação à produção e comercialização dos vinhos. Há aqui, portanto, um paradoxo entre o desenvolvimento da economia rural e os princípios de sustentabilidade (ZINCHUK et al., 2018), deixando claro o desafio que existe na gestão dessa paisagem: o conflito entre a tradição e a modernização.

¹⁸ “Construction and maintenance of cultivated terraces is a demanding task. In the past, terraces were connected with subsistence farming and represented an advantage, but with modern machinery they mostly hinder owners and generate a loss for them”.

Figura 11 – Paisagem Cultural da Região dos Vinhos Verdes



Fonte: [Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes](#). Acesso em: 21 mar. 2021.

Para Lavrador e Rocha (2010, p. 2),

Actualmente, em resultado do abandono rural, do emparcelamento e substituição do Bocage por sistemas culturais mais especializados, com consequente remoção das bordaduras líticas nos limites das propriedades (ou falta de manutenção das mesmas), das exigências tecnológicas e do incremento da qualidade dos produtos, surgem outros mosaicos de mais fácil manutenção e rendibilidade. No caso da vinha, a condução em altura tem vindo a desaparecer a favor de sistemas de condução mais baixos e orientados através de arame (bardos), menos perigosos para a poda e outras operações culturais, mais fáceis de controlo fitossanitário, mais ajustados ao uso de maquinaria universal e facilitadores da vindima. Esta mudança prejudica o carácter da paisagem rural minhota, ainda que os distintos sistemas de condução (cruzeta e cordão) continuem a viabilizar alguma diversidade à escala da parcela.

A substituição do sistema de condução tradicional pelo sistema de condução moderno tem seus aspectos positivos e negativos. Por um lado, ela favorece o cultivo das vinhas; por outro, acaba por descaracterizar a paisagem. É certo que a modernização do sistema com a mecanização da vindima tem motivação econômica com vista à uma produção em larga escala e mais rápida de vinho, porém, apesar da indústria do vinho desempenhar um papel fundamental na economia da região e fomentar o desejo relacionado ao enoturismo (MCFARLANE et al., 2017), as práticas de cultivo das vinhas realizadas nos últimos anos não podem substituir as características que conferem identidade, valor, sentimento de lugar e unicidade à região. Essa substituição pode ocasionar perdas consideráveis em relação a esse patrimônio cultural. É na

conjugação saudável entre patrimônio e enoturismo que deve residir a boa gestão e sustentabilidade dessa paisagem.

2.2 O Valor da Paisagem Como Patrimônio Cultural

De acordo com Castriota (2016), a discussão sobre o conceito de patrimônio sempre esteve norteadada pela separação entre o cultural e o natural, pouco considerando suas interrelações. Foi somente com o surgimento da Convenção para a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural, de 1972, que se começou a reconhecer essas conexões, a proteger esse patrimônio e a valorizar os modos tradicionais de vida (CASTRIOTA, 2016).

Para Manfio (2019, p. 81), “paisagem e cultura estão intimamente associadas”. Neste sentido, a paisagem tem uma **qualidade que ultrapassa a temporalidade** ao unir o passado e o presente e que, conseqüentemente, é vista [a qualidade] nas paisagens de produção de vinhos que associa tradição à cultura e à história da região (MANFIO, 2019). Partindo da ideia da morfologia da paisagem como referencial identitário, pode-se atribuir a ela aspectos culturais que vão salientar, reafirmar e valorizar seus aspectos patrimoniais. Com base nessa premissa, é possível pensar no desenvolvimento de instrumentos de preservação patrimonial da RVV que atestem a riqueza e o valor de seus bens e que promovam sua sustentabilidade para as futuras gerações.

A paisagem tradicional do campo (como é o caso da RVV) geralmente está associada a um comportamento específico que vai definir a sua forma e conotação, bem como os processos envolvidos (JUNLING; YAO, 2019). Na visão de Manfio (2019, p. 87), “as paisagens vitícolas estão presentes em diversas regiões mundiais. Elas são o retrato do trabalho de uma sociedade na natureza e da mitologia, que a população local cria em relação a essa bebida, associando vinho à gastronomia e outros elementos”. A nível nacional, a RVV possui uma das mais fortes tradições identitárias de Portugal: a tradição minhota (LAVRADOR; ROCHA, 2010). Logo, é interessante perceber que o surgimento da tradição vitivinícola na região do norte português tem uma história e características únicas que, assim como na China, permitiram a sobrevivência do homem e ajudaram a moldar a paisagem rural (JUNLING; YAO, 2019).

Como referido por Leitão (2011), as comunidades estabelecidas nessa região modificaram a paisagem minhota – rural, interiorana – através da implantação das suas atividades sociais, culturais e econômicas. A conjugação dessas atividades está intrinsecamente ligada à evolução dessa paisagem rural. É nessa lógica que habita a ideia do patrimônio cultural ligado às vinhas do norte (e conseqüentemente à paisagem nortenha) porque o vinho “tem saberes e patrimónios imensos” (MARQUES; MARQUES, 2016, p. 110).

Neste contexto, Freitas e Koskowski (2021) fazem menção a fenômenos que se desenvolvem através do tempo como “*cultural layers*” e enfatizam que essas camadas culturais representam elementos intangíveis como os sentimentos (emoções, crenças, tradições) e as necessidades criadas no decorrer dos anos. O imaterial é, portanto, parte integrante e essencial da paisagem da RVV e considerá-la como patrimônio vai muito além de aspectos puramente físicos, estéticos e de beleza cênica.

Pensar nesse patrimônio de acordo com os avanços da globalização e os impactos positivos da lógica capitalista, por exemplo com o turismo rural como motor de desenvolvimento¹⁹, é também considerar que quem visita essa região está em busca das vivências desse povo, da sua história e do seu passado (MARQUES; MARQUES, 2016), de suas tradições e atrações culturais, de seus saberes e de sua identidade, sem mencionar o vinho e a gastronomia. O turismo rural é uma das melhores maneiras de garantir a revitalização do tecido econômico rural, sendo capaz de valorizar os recursos, a história, os costumes e a cultura de cada região ao mesmo tempo em que possibilita a dinamização de outras atividades econômicas que estão conectadas e interagem com ele.

No âmbito deste trabalho, o foco reside nas vinhas que estruturam a paisagem cultural da RVV e, por esse motivo, foram apresentados apenas alguns exemplos da riqueza da região até o momento. Tendo em vista a importância dos sistemas de condução das vinhas na caracterização da região, a **vinha de enforcado** constitui um dos marcos mais emblemáticos dessa paisagem e graças às políticas públicas (por exemplo com o Regulamento da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior, n.º 67/2021), esse tipo de vinha tradicional vem sendo recuperada em alguns lugares²⁰.

Esse sistema de condução já existia por volta de 1372 e possibilita o cultivo de outras culturas na parte central dos campos, sendo predominante na maior parte do noroeste português (CARDOSO, 2018; MARQUES, 1987). Durante o séc. XIX, percebe-se que esse sistema de condução tradicional não era praticado somente nessa região, ele era apenas mais presente; entretanto, a altura que as vinhas alcançavam no Minho era de 6 a 8 metros (e em alguns lugares atingiam até 20 metros), fazendo com que só nessa região tais características existissem

¹⁹ De acordo com a [Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural](#), o turismo rural cria oportunidades para que o visitante possa “reviver as práticas, os valores e as tradições culturais e gastronómicas das sociedades rurais, beneficiando da sua hospedagem e de um acolhimento personalizado”. Acesso em: 30 jul. 2021.

²⁰ As ações acontecem no município de Lousada. Para mais informações sobre o que se tem feito nessa localidade para salvaguardar a paisagem cultural da Região dos Vinhos Verdes, conferir: https://www.cm-lousada.pt/pages/862?news_id=1696, <https://averdade.com/tamega-e-sousa/lousada/2020-07-07-Lousada-Ancestral-preserva-mais-de-40-quilometros-de-Vinha-do-Enforcado> e também o Regulamento n.º 67/2021 disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/154488591>. Acesso em: 18 jun. 2021.

(CARDOSO, 2018), conferindo a unicidade da paisagem em relação a outras regiões produtoras de vinho.

Em seu trabalho, Marques (1987) já antevia a alteração dos sistemas de condução das vinhas da RVV ao constatar que uma das mais importantes transformações decorreria a partir da utilização de áreas em monocultura que se beneficiariam de novos sistemas de condução, nomeadamente aqueles em que a videira se desenvolve por meio das cruzetas e dos cordões, ou seja, os sistemas de condução modernos. Um pouco antes dessa transformação, as vinhas tradicionais começaram a dividir espaço com as **ramadas** que por sua vez marcam a paisagem através da sua utilização em quintais e pátios, cercando hortas, conferindo uma imagem tipicamente do norte (CARDOSO, 2018) e ainda hoje são testemunhos vivos de um saber tradicional.

Esses sistemas tradicionais de condução podem ser entendidos tanto como elementos tangíveis quanto intangíveis e estabelecem formas de se valorizar a paisagem da RVV. Elementos como esses conferem identidade e caráter ao lugar (FREITAS; KOSKOWSKI, 2021), se assemelhando a um museu a céu aberto que retrata o dia a dia daqueles que trabalham as vinhas, além de preservarem as memórias desse povo (MARQUES; MARQUES, 2016).

Os elementos intangíveis são importantes para a valorização patrimonial e eles não existem sem ter o seu respectivo elemento tangível. Dessa forma, é impossível negligenciar

Todo o rico e vasto património imaterial à volta do vinho, da mesa, da tradição. E a gastronomia. A nossa gastronomia tradicional, que potencialidades não têm e que horizonte de reinvenção não possui. A incorporação de produtos locais, lembro-me da castanha, por exemplo, constitui um fator fundamental, e a combinação com outros produtos, como os queijos tradicionais, a doçaria conventual e a popular, constituem uma possibilidade de propiciar experiências muitas vezes inesquecíveis (MARQUES; MARQUES, 2016, p. 111).

Todos os saberes, todas as tradições e formas de expressão de um povo são passíveis de se tornarem patrimônio. Essas manifestações atestam a cultura de uma sociedade em um dado momento na história, que se perpetua ou não, mas que têm importância e significado para esse povo. Além disso, a história engloba os monumentos e lugares, bem como o patrimônio intangível (FREITAS; KOSKOWSKI, 2021), tornando impossível a sua dissociação. É na dualidade entre o patrimônio material e imaterial que estão “os maiores aliados no combate contra a vulgaridade, a falta de qualidade, a massificação e a descaracterização” (MARQUES; MARQUES, 2016, p. 115).

A vinha e o vinho de que trata esse trabalho “nesta região conheceram desde finais do século XIX enormes transformações que se foram acentuando nas últimas três décadas. A Região dos Vinhos Verdes é agora uma área vitícola marcada pela modernidade” (CARDOSO,

2018, p. 243). Visto de outra forma, essas transformações do território são respostas de uma homogeneização da paisagem numa tentativa de resposta à urgência do capitalismo com a implantação de modelos estereotipados (PARTIDÁRIO, 2003) e “têm estruturado de forma significativa as formas de uso e ocupação do espaço, bem como a sua percepção ao nível sócio-económico e ambiental” (FERNANDES, 2003, p. 135).

É importante compreender que a paisagem da RVV é concebida pela e através da ruralidade. Tabasco, Ruiz, e Pulpón (2017) demonstram o potencial de regiões rurais quando afirmam que a reavaliação do patrimônio rural auxilia como um indicador adicional para questões relativas aos valores culturais, de lazer e paisagísticos na medida em que é estabelecido o conceito de autenticidade. A partir da (re)valorização desses espaços rurais, pode-se inferir que há uma crescente procura por esses lugares (RIBEIRO 2003 apud SIMÕES, 2003, p. 15), uma vez que a maior parte desses espaços se transformam em lugares que preservam a natureza e as memórias do passado ao invés de serem puramente locais de produção de alimentos (FIGUEIREDO, 2003). Aqueles que vivem no meio urbano consideram o meio rural em sua forma estética, enquanto que os que vivem no espaço rural o consideram a partir de sua funcionalidade, ou seja, têm esse ambiente como forma utilitária (FIGUEIREDO, 2003). Sob este aspecto, é importante notar a questão da multifuncionalidade do campo que, para além de sua utilização habitual, permite que as atividades agrícolas interliguem elementos de aspecto ambiental, cultural, político, turístico etc. (OLIARI; KINOSHITA, 2012). Ainda para Figueiredo (2003, p. 78), é na “*recriação*” ou “*reinvenção*” do rural que a descaracterização pode acontecer, levando a sérios problemas como a “a perda de autenticidade e de dinâmicas locais próprias”. Mas como é que se classifica os espaços rurais?

Primeiramente, a pluralidade e especificidade de cada lugar torna essa definição bastante difícil, pois é preciso considerar aspectos socioeconômicos e culturais que exercem influência direta nestes lugares (VALENTE; FIGUEIREDO, 2003). Não obstante, há uma enorme riqueza de recursos nestes ambientes rurais que torna ainda mais difícil uma classificação universal. Soma-se a isso as profundas transformações desses espaços levando a sua utilização para fins recreativos e de lazer, convertendo esses espaços em lugares de reserva ambiental, de memória e de herança cultural (SIMÕES; CRISTÓVÃO; BURNAY, 2003; VALENTE; FIGUEIREDO, 2003). Atualmente leva-se em consideração o caráter único dos espaços rurais porque esses dispõem “de um interessante capital de recursos naturais e culturais que oferecem múltiplas oportunidades de utilização” (PARTIDÁRIO, 2003, p. 115). Contudo, essas oportunidades podem causar problemas para a paisagem, como por exemplo com “a degradação da paisagem em virtude dos incêndios florestais, os modelos de desenvolvimento e de

ordenamento territorial, a **subestimação das perspectivas dos residentes**” (SIMÕES; CRISTÓVÃO; BURNAY, 2003, p. 270, grifo nosso) e etc.

Sendo a paisagem uma autêntica forma de patrimônio, que atesta a identidade de uma região, ela é assunto nas mais diversas declarações e convenções internacionais, segundo Freitas e Koskowski (2021), na tentativa de evitar seu desaparecimento. Neste sentido, é necessário pensar em modelos sustentáveis que preservem o patrimônio cultural, as memórias e os saberes que dão autenticidade às regiões através da paisagem (nesse caso o patrimônio rural).

O desenvolvimento sustentável não se materializa num modelo único, nem permanente nem universal. O grande desafio da sustentabilidade provém da sua relação indissociável com o sistema de valores dos parceiros activos e passivos de uma comunidade, os quais são diversos e dinâmicos no espaço e no tempo, e a diferentes escalas. Por isso se torna impossível a sua padronização (PARTIDÁRIO, 2003, p. 118).

A partir da ideia de sustentabilidade, e utilizando os recursos que emanam da própria região, não só as vinhas se configuram como patrimônio cultural da RVV, mas também “as estradas, caminhos, canadas, veredas, carreiros” (OLIVEIRA, 2003, p. 129) que representam a ruralidade, que são testemunhos vivos das marcas e memórias e que compõem essa paisagem de tal maneira que sua utilização enquanto produto turístico pode atuar como motor de desenvolvimento econômico da região sem transformá-la de forma tão abrupta como o que acontece com a utilização dos sistemas de condução modernos. Neste contexto, é preciso existir uma articulação que considere os atores públicos, privados, os responsáveis pelo *trade* turístico e a **comunidade**. Esse desenvolvimento é possível porque, segundo Oliveira (2003, p. 129), “os cidadãos sonham com o campo, lugar de evasão, do lazer, da qualidade de vida, das tradições” e a autora ainda acredita que atividades ao ar livre como caminhadas e passeios são formas diferentes de apreciar a paisagem e, conseqüentemente, o patrimônio. Essas atividades podem ser pensadas para criar produtos e serviços relacionados ao enoturismo na RVV.

Sendo a paisagem um somatório de significações (OLIVEIRA, 2003), na paisagem das vinhas há uma originalidade que advém do próprio meio ambiente e da ação do homem, do significado e do sentimento que essa paisagem transmite e que justifica sua classificação como patrimônio de identificação cultural (FALCADE, 2003 apud MANFIO, 2019, p. 81). A paisagem da RVV, que tem uma tradição histórica ligada à produção de vinhos, detém uma identidade única que congrega a ação humana e do próprio meio ambiente numa espécie de simbiose, podendo ser elevada a patrimônio pelos mais diversos exemplos citados aqui.

Inquestionavelmente, “as paisagens vitícolas apresentam particularidades e identidades construídas pela cultura e pela natureza. Estas paisagens guardam heranças e artefatos ligados ao vinho, compondo um ‘arsenal’ importante para o estudo da Geografia do vinho” (MANFIO,

2019, p. 82). A respeito da mecanização da viticultura, a autora trabalha a região vinhateira do Douro e aborda a importância dessa implantação para a paisagem e para o sistema de cultivo da vinha, afirmando que no caso do Douro, os terraços e as formas de cultivo são diferentes das regiões restantes no país.

Existe um conflito entre a tradição e a necessidade de modernização, um desafio que precisa ser encarado porque apesar da mecanização descaracterizar a paisagem e poder trazer vários problemas em relação ao patrimônio cultural, os produtores e os proprietários das quintas vitivinícolas têm direito de modernizar. Não é intenção congelar a paisagem; ela é fruto de adaptações, de modificações devido ao tempo e à cultura. Contudo, o que se defende aqui é a importância da vitivinicultura tradicional, dos saberes e fazeres ancestrais, do valor e do significado para determinadas comunidades. Na medida em que se compreende a importância desse tradicionalismo, entende-se que as vinhas antigas (especialmente a vinha de enforcado), os socalcos e as demais manifestações culturais dessa sociedade demonstram o valor que a paisagem do norte tem (LEITÃO, 2011). Esses são alguns exemplos dos saberes e das práticas de cultivo presentes na RVV.

É certo que a modernização do sistema de condução das vinhas trouxe benefícios econômicos quando se fala, por exemplo, da solução para o problema da filoxera²¹, da maior quantidade de produção de vinho etc. Mas será que se deve pensar a vinha apenas por esse viés financeiro de larga produção? A paisagem da RVV não se restringe somente às vinhas, incluindo também o que há de patrimônio construído, como é o caso de igrejas e capelas – diga-se de passagem, valiosíssimos exemplares da arquitetura religiosa – e de toda a envolvente que respira imaterialidade através dos cultos, dos festejos, dos símbolos espirituais, dos rituais. Em suma, esses patrimônios dão sentido ao lugar. Outro aspecto importante é a tradição por detrás da vindima, momento em que as uvas são colhidas. Esse é um momento de convívio onde imperam as cantigas da região. Também é costume ser um período repleto de festas, uma tradição que está atrelada à paisagem. São, portanto, manifestações características do espírito de lugar e que possibilitam ao turista conhecer os costumes e tradições da região através dos eventos que acontecem nesse durante a colheita das uvas (geralmente entre os meses de setembro e outubro), além de diversos programas²² de vindima na Rota dos Vinhos Verdes.

²¹ Praga que dizimou muitas vinhas na Europa no século XIX, principalmente em França, mas que também ocorreu em Portugal.

²² Anualmente acontecem eventos relacionados à vindima. Por exemplo, o [Programa de vindimas na Rota dos Vinhos Verdes de 2018](#) dá oportunidade de os visitantes colherem as uvas, visitar as adegas, provar os vinhos etc. Outro exemplo são as [experiências de enoturismo](#). Acesso em: 30 jul. 2021.

As práticas comunitárias e outros arcaísmos pertencem à paisagem e à cultura das comunidades do Norte do país, devendo por isso ser preservados [...] Contudo, esta realidade começou a alterar-se nos últimos anos, com a crescente articulação entre as actividades produtivas tradicionais e a indústria (LEITÃO, 2011, p. 26).

Pensar o património é refletir em pontos como esse de que aborda Leitão. Na tentativa de preservar uma tradição, uma prática comunitária, é importante levar em consideração a própria evolução das relações de produção que existem e que fazem sentido ou não para a comunidade em questão. Como referido no capítulo anterior, a paisagem é mutável e sofre alterações decorrentes da lógica de subsistência dos que nela habitam. O perigo está na exploração radical e na rápida transformação dessa paisagem que pode vir a desaparecer. É mesmo necessário a criação de uma lei que proteja esse património ou somente o reconhecimento e importância dada pelos próprios residentes é suficiente? Apoiado nas ideias do geógrafo Milton Santos, Bernardes (2020) verifica que houve uma tendência em homogeneizar as técnicas de produção a partir da era da globalização, obedecendo a uma lógica de produção capitalista, do imediatismo. Ora, porque patrimonializar algo que é banal, que se encontra em todos os lugares? Com a transformação da paisagem da RVV, essa paisagem pode se tornar mais do mesmo.

De acordo com Manfio (2019), o património arquitetónico que surge por causa da produção de vinho reflete a cultura portuguesa e, por isso, são essenciais para a paisagem. A autora se refere às quintas de vinho e procede sua análise com uma abordagem tanto quanto mercadológica ao salientar que o abandono da paisagem rural – ela inclui, aqui, o património material como as infraestruturas – e até sua alteração devido à modernização são oportunidades que poderiam ser aproveitadas para a criação de um produto voltado para o enoturismo. Freitas e Koskowski (2021, p. 114, tradução nossa) afirmam que é “necessário que o património cultural, tangível ou intangível, em macro e em micro locais, seja protegido e conservado para uso das gerações futuras”²³. Neste sentido, as técnicas de produção vão moldar a paisagem que, por sua vez, permitirá conhecer a história como se ela fosse um livro a ser lido. De maneira análoga,

A paisagem, para Berque, é ao mesmo tempo matriz e marco: Paisagem Matriz na medida em que as estruturas e formas da paisagem contribuem para a perpetuação de usos e significações entre as gerações; Paisagem Marco, na medida em que cada grupo grava em seu espaços os sinais e os símbolos de sua atividade (BERQUE, 1984: 33). Ainda para Berque, a importância do estudo da paisagem está no fato de que ela nos permite perceber o sentido do mundo no qual estamos (RIBEIRO, 2007, p. 30).

²³ “It is necessary that cultural heritage, tangible or intangible, in macro and in micro places, should be protected and conserved for the use of future generations”.

No âmbito do patrimônio, e sem perder de vista a paisagem, importa dizer que ele incorpora a essência do lugar, dá significado em suas mais diversas nuances (estética, histórica, científica, social e/ou espiritual), resgata a influência de gerações passadas e possibilita a manutenção e transmissão dos usos, das técnicas, dos símbolos e do entendimento do mundo para as futuras gerações (FREITAS; KOSKOWSKI, 2021). Assim, as paisagens podem ser compreendidas a partir da forma como sua envolvente é percebida, servindo como prova da relação entre o homem e o meio ambiente ao mesmo tempo em que auxilia na especificação e unicidade de cada lugar (RIBEIRO, 2007). Os traços mais importantes da paisagem da RVV estão congregados nas vinhas, nas tradições, nas edificações, nas festas, nos saberes e fazeres etc.

Em relação à mecanização das vinhas na RVV, Pinheiro (2019) considera que essa mecanização não é expressiva porque tem como obstáculos o relevo acentuado, o tamanho reduzido dos espaços de cultivo e também por uma dita resistência dos viticultores em alterar os sistemas de condução tradicionais. Por outro lado, Neto, Dias e Machado (2013, p. 591) atestam que a mão de obra do homem utilizada em uma das maiores produtoras de Vinho Verde, a Quinta de Aveleda, constitui apenas 4% do processo da colheita do vinho. Ou seja, nesse caso o processo é praticamente automatizado. Pinheiro (2019) ainda afirma que as alterações no sistema de condução das vinhas buscam melhorar o rendimento e a qualidade das vinhas através do processo de mecanização. Em se tratando de patrimônio e memória, essa prática acabaria por extinguir com o testemunho e a herança que são os bens mais preciosos da RVV, sem falar também na estreita relação entre os grupos sociais e a natureza de que tratam Nascimento e Scifoni (2010). É importante estabelecer possíveis maneiras de perpetuar a sobrevivência de sua paisagem cultural de acordo com princípios pautados na sustentabilidade dos recursos (BALSAS, 2018). Com o auxílio da preservação patrimonial, o enfoque deve ser dado tanto aos valores culturais quanto aos naturais e precisam estar amparados pelas políticas públicas (VASCONCELOS, 2012).

Ao retomar a questão da ruralidade sob o ponto de vista da qualidade de vida que ela proporciona, é notável a capacidade destes lugares rurais em atrair as pessoas da cidade (VALENTE; FIGUEIREDO, 2003) de tal maneira que o setor do enoturismo da região já se utiliza dessa possibilidade como ferramenta de desenvolvimento da região, por exemplo com hotéis de luxo e com a Rota dos Vinhos Verdes²⁴, criados para valorizar e dar a conhecer a

²⁴ Para mais informações, consulte: <http://rota.vinhoverde.pt/>.

vinha e o vinho. Todavia, é preciso tomar cuidado para não romantizar a paisagem enquanto produto turístico.

Dois fenômenos aparentemente contraditórios parecem coexistir quando se visualiza a paisagem como recurso turístico. Estes dizem respeito à existência de um distanciamento entre a ideia idealista de uma paisagem bucólica tradicional, onde alguns turistas procuram paisagens produzidas pelo árduo trabalho dos agricultores apoiados em maquinaria rudimentar e a nova realidade do campo das vinhas, altamente mecanizado, industrializado, com infraestruturas e construções modernas. Assim, por um lado, as paisagens rurais estão passando por importantes transformações que refletem as mudanças físicas e culturais pelas quais passam; e, por outro lado, as áreas e paisagens rurais são muitas vezes percebidas como 'genuínas' pelos visitantes que procuram cada vez mais a 'autenticidade', relacionada com a cultura e a natureza²⁵ (LAVRADOR; ROCHA, 2018, p. 277, tradução nossa).

Assim, para além da mecanização das vinhas, um aspecto negativo que vem da atividade turística é a industrialização da paisagem por causa das novas infraestruturas e construções modernas que vão atender a esse mercado. Cria-se uma paisagem que é globalmente comum, quase que sem a presença do homem tradicional, para vender um produto ou serviço que não reflete mais a cultura e a tradição da região. A paisagem perde seu sentido, deixa de ter símbolos culturais, não tem emoção, não tem significado. É fato que a qualidade de vida se elevou com a tecnologia e com a globalização, porém quando se trata da tradição que caracteriza um lugar, percebe-se que tudo está se tornando igual, uma cultura global. Mais uma vez, reitera-se a existência da crise da paisagem alertada por Domingues (2012), a crise dos saberes e fazeres, a crise da tradição, que gera uma paisagem modificada pela modernização, que faz com que os residentes não mais trabalhem a terra como antes e que deixem seus locais de origem para explorar a cidade, uma paisagem que está em desequilíbrio e que só mostra resquícios de um patrimônio material (CARVALHO; MARQUES, 2019).

Preservar o patrimônio rural e a paisagem cultural da RVV não significa dar ênfase somente aos elementos importantes oriundos do passado. Eles são cruciais para a compreensão do espírito de lugar da região e agem como ferramenta de desenvolvimento econômico e do território (FREITAS; KOSKOWSKI, 2021). A característica rural pode e deve ser utilizada para impulsionar estratégias de recuperação e preservação do patrimônio e o próprio governo português, bem como a União Europeia, devem dispor de subsídios para a dinamização desses

²⁵ “However, two apparently contradictory phenomena seem to coexist when envisioning landscape as a tourism resource. These concern to the existence of a gap between the idealistic idea of a traditional bucolic countryside, where some tourists search landscapes produced by the hard work of farmers supported by rudimentary machinery and the new reality of the vineyards countryside, highly mechanized, industrialized, with modern infrastructures and constructions. Thus, on one hand, rural landscapes are under important transformations that reflect the physical and cultural changes they go through; and, on the other hand, rural areas and landscapes are often perceived as 'genuine' by the visitors that increasingly seek 'authenticity', related to culture and nature”.

locais através do turismo rural. As atividades tradicionais produzidas nesse ambiente rural ajudam a preservar a autenticidade da região e auxiliam no desenvolvimento dos recursos rurais e é, ao mesmo tempo, um espelho dos modos de vida e de produção dos residentes. Junling (2019) afirma que essas atividades protegem as características originais dos lugares, aumentam o valor estético da paisagem e ajudam a promover o turismo, sem falar na possibilidade de manter seus residentes de origem evitando que migrem para a cidade. De acordo com Zakariya, Ibrahim e Abdul Wahab, (2019), essa migração pode afetar as características da paisagem rural, por exemplo com o abandono ou a falta de cuidado das vinhas.

Até aqui, foram discutidos os seguintes temas: a paisagem como patrimônio cultural e rural, a possibilidade do desenvolvimento dos locais e a inclusão de todos os atores nos momentos de decisões políticas e estratégias. Neste contexto, o próximo capítulo trata de integrar a visão dos residentes da paisagem da RVV ao exibir o resultado da pesquisa de campo.

3 A PERSPECTIVA DO RESIDENTE

Esse capítulo trata de explicar a metodologia utilizada na construção deste estudo e a mostrar e analisar os resultados. Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa (investigar a percepção da paisagem da RVV), a metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a quali-quantitativa, através da técnica de amostragem por conveniência²⁶ para a coleta dos dados, tendo como finalidade analisar, através de gráficos, a percepção dos residentes dessa região em relação à paisagem, além de tentar compreender o nível de satisfação através da relação de algumas características presentes nessa paisagem.

Primeiramente foi realizado o levantamento da bibliografia a ser revisada. Ela serviu, logo no início, para direcionar a pesquisa de campo e a construção do questionário a ser aplicado. Assim, as obras e os estudos utilizados serviram para nortear esse estudo e foram fundamentais para apresentar um panorama da evolução e história do conceito de paisagem cultural, bem como para definir e contextualizar a RVV. As principais contribuições partiram de autores como Ribeiro (2007), Carvalho e Marques (2019), Silveira (2009) e Vasconcelos (2012).

A pesquisa de campo teve um caráter exploratório com a aplicação de um questionário semiestruturado com 4 perguntas pessoais e uma seção com 15 opções de múltipla escolha referentes à caracterização da paisagem dos Vinhos Verdes.

A coleta dos dados aconteceu em dois momentos distintos: primeiramente, o questionário foi aplicado pessoalmente aos residentes da região nas cidades de Braga, Guimarães, Viana do Castelo e Porto entre os meses de abril e junho de 2019, obtendo 171 respostas; posteriormente o questionário foi direcionado à população da RVV através do Google Forms e aconteceu durante o mês de abril de 2020, obtendo 59 respostas. No total, foram aplicados 230 questionários, todos estes válidos. Essa divisão aconteceu porque pretendeu-se aumentar a base de dados.

Tendo como recorte os residentes desta região vitivinícola, é importante esclarecer que isso se justifica pelo fato de a maior parte dos estudos deste gênero só considerar a visão dos visitantes na tentativa de compreender o significado de uma paisagem (GREER; DONNELLY; RICKLY, 2016).

²⁶ Técnica muito comum que seleciona uma amostra da população que seja acessível. Em outras palavras, os indivíduos participantes da pesquisa são selecionados porque eles estão prontamente disponíveis, não como forma de atender a algum critério estatístico.

3.1 Resultados e Análise dos Dados

Para a realização desta análise, os dados obtidos com a aplicação do questionário foram revisados, organizados e tratados com o auxílio de planilhas do Excel. Parte dos resultados foram alcançados através de análise cruzada relacionando duas ou mais variáveis.

A **Tabela 1** exibe o perfil amostral dos entrevistados.

Tabela 1 – Perfil amostral dos entrevistados da Região dos Vinhos Verdes

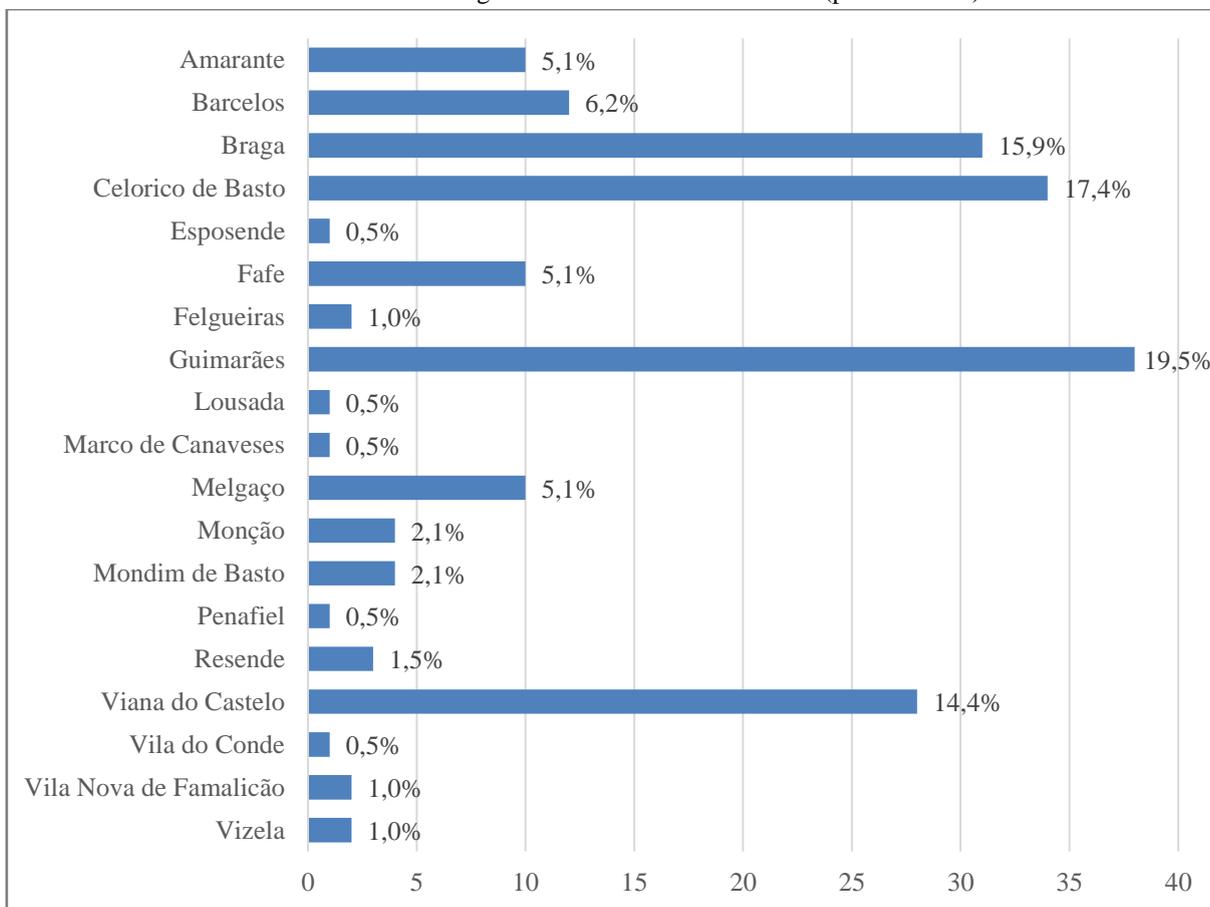
Variáveis	Categorias	Frequência	%
Gênero	Masculino	114	49,6
	Feminino	116	50,4
	Total	230	100%
Idade	Min	16	
	Max	78	
	Moda	29	
	Média	42	
Escolaridade*	1º ciclo	22	9,6
	2º ciclo	14	6,1
	3º ciclo	29	12,6
	Ensino Secundário	46	20,0
	Licenciatura	90	39,1
	Pós-graduação	6	2,6
	Mestrado	7	3,0
	Doutorado	8	3,5
	Outros	7	3,0
	N/R	1	0,4
Total	230	100%	

Fonte: Elaborada pelo autor.

* Equivalências no Brasil: 1º ciclo = 1º ao 4º ano; 2º ciclo = 5º ao 6º ano; 3º ciclo = 7º ao 9º ano; Ensino Secundário = Ensino Médio.

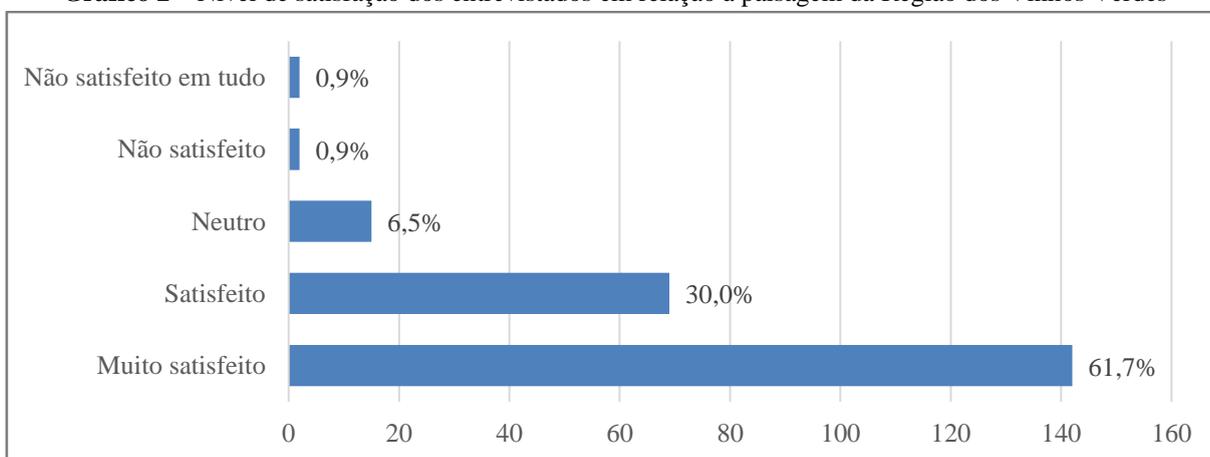
De acordo com a **Tabela 1**, metade da amostra é composta pelo sexo feminino (50,4%) e metade pelo sexo masculino (49,6%). A idade média dos entrevistados é de 42 anos, com idades que variam dos 16 aos 78 anos, sendo que 29 anos é a idade mais frequente. Em relação à escolaridade, 28,3% dos participantes responderam ter até o 3º ciclo, 20% possuem o ensino secundário, 39,1% disseram possuir alguma licenciatura, o que representa o maior percentual da amostra, 9,1% estão distribuídos entre os que possuem pós-graduação, mestrado ou doutorado. Por fim, 3% responderam ter outra formação acadêmica e apenas uma pessoa (0,4%) não respondeu.

O **Gráfico 1** mostra o local de morada dos residentes. Guimarães é o concelho com o maior número de participantes (19,5%), seguido por Celorico de Basto (17,4%), Braga (15,9%) e Viana do Castelo (14,4%). Amarante, Barcelos, Fafe e Melgaço, juntos, representam 21,5% dos entrevistados. Com menos de 5 participantes por concelho estão Esposende, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Monção, Mondim de Basto, Penafiel, Resende, Vila do Conde, Vila Nova de Famalicão e Vizela.

Gráfico 1 – Porcentagem de residentes entrevistados (por concelho)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para saber o nível de satisfação dos entrevistados em relação à paisagem, utilizou-se uma escala de 1 a 5, sendo que esses dois extremos representam “não satisfeito em tudo” e “muito satisfeito”, respectivamente. O resultado é mostrado no **Gráfico 2**.

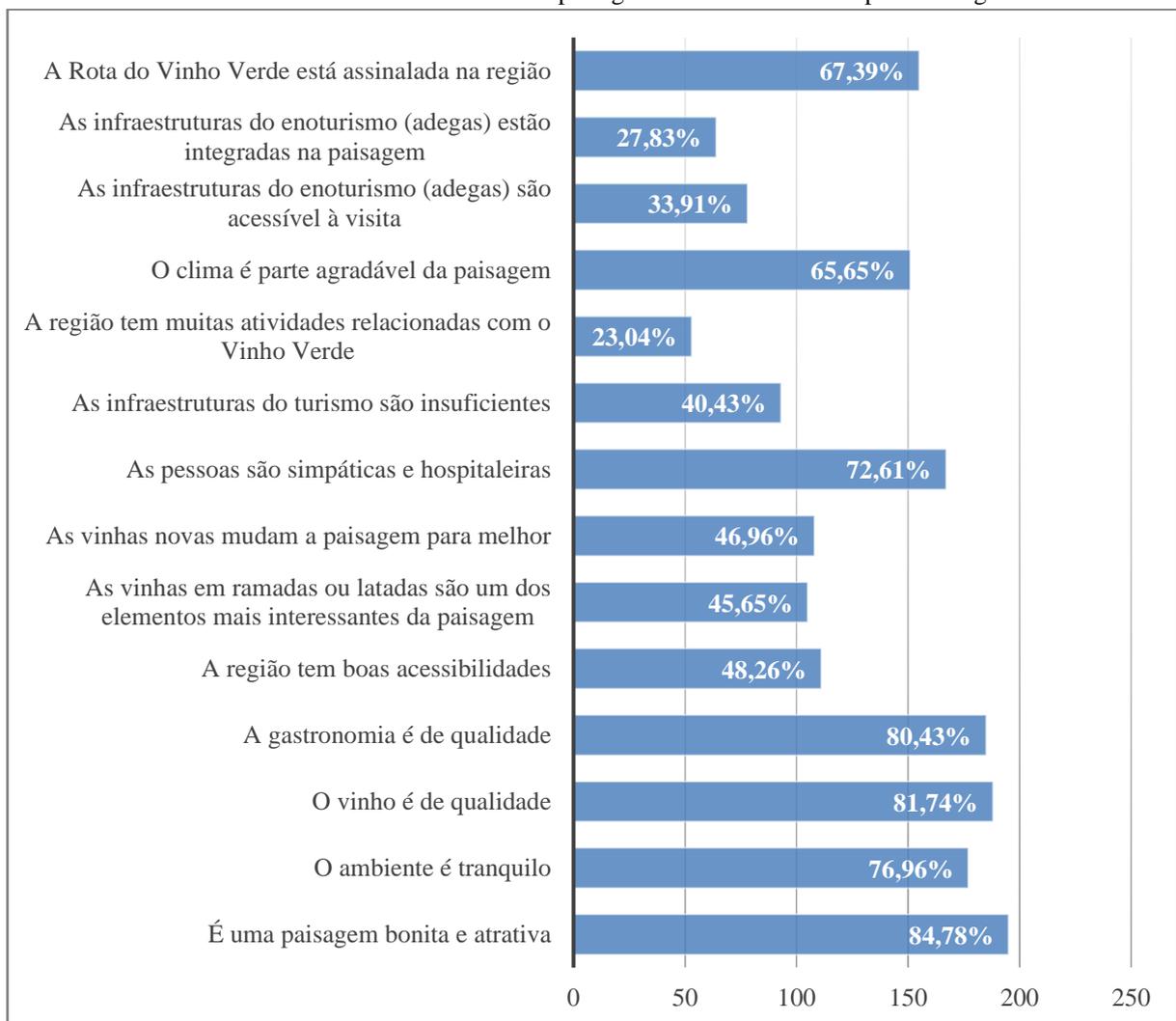
Gráfico 2 – Nível de satisfação dos entrevistados em relação à paisagem da Região dos Vinhos Verdes

Fonte: Elaborado pelo autor.

O **Gráfico 2** mostra que 61,7% dos entrevistados estão muito satisfeitos com a paisagem, 30% estão satisfeitos, 6,5% estão neutros. Apenas 1,8% responderam estar não satisfeitos ou não satisfeitos em tudo.

Em relação às características que melhor identificam a paisagem da RVV, realizou-se uma análise comparativa sobre o grau de satisfação em relação a alguns aspectos da paisagem. Nessa questão, cada entrevistado podia selecionar mais de uma opção como resposta. O **Gráfico 3** mostra as características mais comuns da paisagem da RVV que melhor representam o significado para os residentes.

Gráfico 3 – Características mais comuns da paisagem dos Vinhos Verdes pelo seu significado *



Fonte: Elaborado pelo autor.

* Cada entrevistado podia selecionar mais de uma característica.

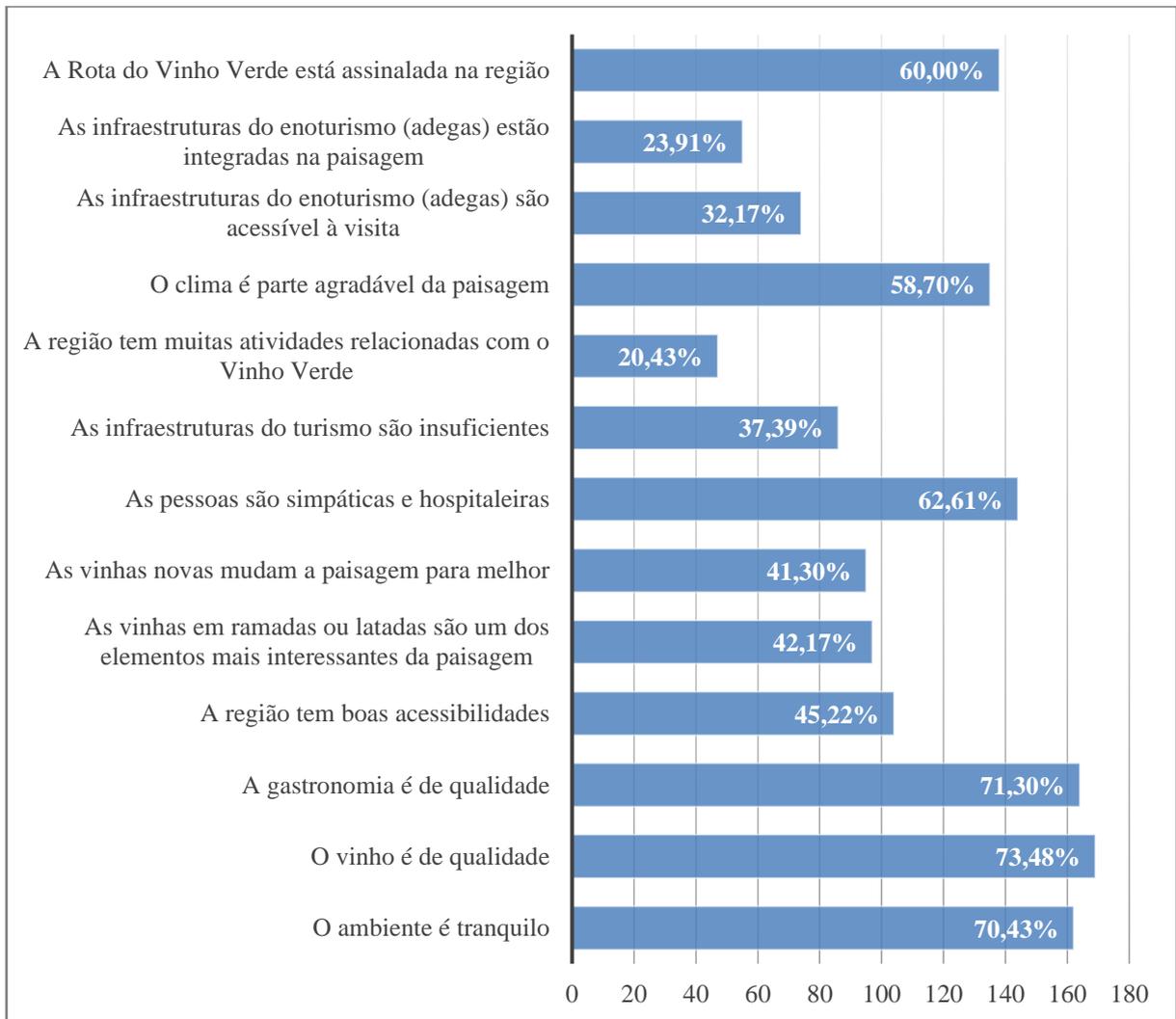
Assim, 84,78% acreditam que a paisagem é bonita e atrativa, 81,74% reconhecem a qualidade do vinho, 80,43% reconhecem a qualidade da gastronomia, 76,96% acreditam que o ambiente é tranquilo, 72,61% acrescentam que as pessoas são simpáticas e hospitaleiras,

67,39% afirmam que a Rota dos Vinhos Verdes está assinalada na região (isso, é, está bem identificada) e 65,65% consideram o clima como parte agradável da paisagem. Quase metade dos residentes afirmam que a região tem boas acessibilidades (48,26%). Menos da metade dos entrevistados acreditam que as vinhas novas mudam a paisagem para melhor (46,96%), bastante próximo do total de entrevistados que acreditam que as vinhas tradicionais são um dos elementos mais interessantes da paisagem (45,65%). Ainda, 40,43% afirmam que as infraestruturas do turismo são insuficientes. Somente 33,91% acreditam que as infraestruturas do enoturismo (adegas) são acessíveis à visita e 27,83% afirmam que elas estão integradas na paisagem. Apenas 23,04% dos entrevistados afirmam que a região tem muitas atividades relacionadas com o Vinho Verde. Em outras palavras, a grande maioria dos participantes dão maior significado à beleza e atratividade da paisagem, à qualidade do vinho e à qualidade da gastronomia. A condução tradicional das vinhas como elementos interessantes da paisagem e as acessibilidades na região dividem opiniões. A mudança da paisagem para melhor com as vinhas modernas aparece com grande expressividade, tendo sido selecionada por quase metade dos entrevistados. As infraestruturas do enoturismo em quantidade, no acesso ou integração na paisagem não são relevantes para os moradores.

Para eles, a RVV não se resume apenas em uma paisagem. Ela é, além de tudo, o reflexo da boa qualidade do vinho e da gastronomia junto ao ambiente rural que consideram tranquilo e como pessoas amigáveis e hospitaleiras. Essas características possibilitam a promoção da região enquanto destino turístico, um turismo que deve ser pensado em conjunto com a comunidade local e que, através de sua tradição e história, podem agregar muito mais valor à experiência do turista.

Indo um pouco mais além, para melhor compreender as respostas dos moradores, optou-se por comparar as respostas daqueles que elegeram a paisagem como bela e atrativa com as outras opções escolhidas. Assim, o **Gráfico 4** mostra que quem valoriza a beleza e a atratividade da paisagem da RVV também valoriza várias outras características simultaneamente.

Conforme os resultados do **Gráfico 4**, percebe-se que a maior parte dos entrevistados que valoriza a beleza da paisagem também valoriza a qualidade do vinho (73,48%), a qualidade da gastronomia (71,3%), o ambiente tranquilo (70,43%) e acreditam que ela (a paisagem) também é caracterizada pelas pessoas amigáveis e hospitaleiras (62,61%). Entende-se que a paisagem é caracterizada através das emoções e do cotidiano dos residentes, uma vez que essas características de apelo emocional e de sociabilidade são tão marcantes. A Rota dos Vinhos Verdes (60%) e o clima agradável (58,7%) da paisagem também são elementos importantes. Os

Gráfico 4 – Relação entre a beleza e atratividade da paisagem *

Fonte: Elaborado pelo autor.

* Cada entrevistado podia selecionar mais de uma característica.

entrevistados que valorizam a beleza e atratividade da paisagem também consideram que a região tem boas acessibilidades (45,22%), que as vinhas antigas são um dos elementos mais interessantes da paisagem (42,17%) e que as vinhas novas mudam a paisagem para melhor (41,30%).

É interessante perceber que, diferentemente do resultado do **Gráfico 3**, aqui as vinhas tradicionais tiveram uma maior porcentagem. Ainda, é importante ressaltar que uma menor parcela dos moradores acredita que as infraestruturas turísticas são insuficientes (37,39%), que as infraestruturas do enoturismo são acessíveis (32,17%), que elas estão integradas na paisagem (23,91%) e que a região tem atividades relacionadas ao Vinho Verde (20,43%). Esses fatores aqui mencionados são cruciais para a experiência do *outsider*, pois esses elementos precisam

estar presentes, ser acessíveis e funcionais. Só assim é possível haver uma melhor valorização e percepção da região como um todo.

Os próximos resultados são frutos de análises cruzadas realizadas com o auxílio de regras e filtros do Excel. Assim, comparou-se a associação entre a percepção sobre a beleza e atratividade da paisagem e o nível de satisfação dos entrevistados pela paisagem/lugar existente. Os resultados desta análise cruzada estão representados na **Tabela 2**.

Tabela 2 – Nível de satisfação com a paisagem *versus* É uma paisagem linda e atrativa

		É uma paisagem linda e atrativa	Respostas Totais
Nível de satisfação com a paisagem/lugar existente	Não satisfeito em tudo	1	2
	Não satisfeito	0	2
	Neutro	10	15
	Satisfeito	54	69
	Muito satisfeito	130	142
Total		195	230

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dos 230 entrevistados, 195 consideram a paisagem RVV como linda e atrativa. Desses, 130 estão muito satisfeitos com o local; outros 54 entrevistados estão satisfeitos e 10 se mostram neutros. Apenas uma pessoa não está satisfeita em tudo.

Também foi interessante analisar se há associação entre as percepções sobre as vinhas tradicionais e o nível de satisfação dos entrevistados com a paisagem existente. Os resultados desta análise cruzada estão representados na **Tabela 3**.

Tabela 3 – Nível de satisfação com a paisagem *versus* As vinhas tradicionais como um dos elementos mais interessantes da paisagem

		As vinhas tradicionais são um dos elementos mais interessantes da paisagem	Respostas Totais
Nível de satisfação com a paisagem/lugar existente	Não satisfeito em tudo	2	2
	Não satisfeito	0	2
	Neutro	5	15
	Satisfeito	22	69
	Muito satisfeito	76	142
Total		105	230

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dos 230 entrevistados, 105 consideram as vinhas tradicionais como um dos elementos mais interessantes da paisagem. De acordo com os resultados, 76 entrevistados estão muito satisfeitos com a paisagem, 22 estão satisfeitos, 5 estão neutros e apenas 2 não estão satisfeitos em tudo.

Por último, foi interessante analisar se há associação entre as variáveis “as novas vinhas mudam a paisagem para melhor” e o “nível de satisfação com a paisagem existente”. A **Tabela 4** mostra os resultados desta análise cruzada.

Tabela 4 – Nível de satisfação com a paisagem *versus* As novas vinhas mudam a paisagem para melhor

		As novas vinhas mudam a paisagem para melhor	Respostas Totais
Nível de satisfação com a paisagem/lugar existente	Não satisfeito em tudo	1	2
	Não satisfeito	2	2
	Neutro	8	15
	Satisfeito	27	69
	Muito satisfeito	70	142
Total		108	230

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dos 230 entrevistados, 108 consideram que as novas vinhas mudam a paisagem para melhor. Desses, 70 entrevistados estão muito satisfeitos com a paisagem, 27 estão satisfeitos e 8 estão neutros. Apenas 2 não estão satisfeitos e 1 não está satisfeito em tudo.

Ao comparar a **Tabela 3** com a **Tabela 4**, é possível notar que a percepção dos residentes em relação às vinhas tradicionais e as novas vinhas está bem dividida. É ressaltado aqui que a paisagem da RVV vai além da beleza da região. Nela estão presentes a tradição, o saber e a experiência de um povo que soube lavrar e moldar a terra para sua subsistência, deixando marcas que revelam o seu modo de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A RVV ainda mantém seus recursos naturais preservados e tem a característica de ter sua paisagem moldada pela ação do homem ao longo do tempo. Com essa construção cultural, é possível compreender que a paisagem não é apenas uma, ela é uma infinidade de paisagens que varia de acordo com a percepção do observador (TIMMS, 2016).

Como foi visto até aqui, considerar a paisagem cultural/rural como patrimônio é uma possibilidade que surge para valorizar e desenvolver esses locais e, conseqüentemente, fomentar o turismo. Desenvolver um turismo cultural ou rural na região pode ser uma ferramenta útil na dinamização da economia local se bem planejada, contribuindo para a manutenção e salvaguarda dos bens culturais da região.

Todas as manifestações culturais, sejam elas tangíveis ou não, guardam as memórias de uma sociedade que escreveu no espaço e no tempo as suas tradições, a sua cultura, a sua forma de viver. Elas guardam aquilo que dá significado e sentido ao modo de vida de ontem e de hoje. Nessas manifestações estão gravadas a(s) identidade(s) de um povo que moldou a terra em seu favor, nelas estão os símbolos geracionais que ajudaram a construir um patrimônio que é único e que pode estar fadado ao desaparecimento se não for bem gerido. Preservar essa paisagem cultural é dar valor e sentido a essas manifestações.

Diante disso, é importante pensar na preservação da RVV como forma de desenvolvimento econômico com base no turismo e de promover a identidade minhota, cheia de significados e saberes. Ainda mais, preservar e manter viva essa cultura é fundamental para a transmissão desses saberes para as gerações de hoje que estão cada vez mais buscando viver nos centros urbanos. Por isso, é preciso criar mecanismos que possibilitem a permanência dos jovens para a sustentabilidade da paisagem dos Vinhos Verdes. Preservar essa memória é dar valor ao patrimônio através de políticas públicas que despertem nos mais novos o desejo de manter viva essa tradição. Isso só será possível se todos os atores (públicos, privados, o *trade* do turismo e a população) estiverem envolvidos no processo de dinamização da identidade da região. Esses atores e outras autoridades relevantes devem, portanto, reconhecer a importância das características da paisagem rural para o turismo rural e regional (ZAKARIYA; IBRAHIM; ABDUL WAHAB, 2019, p. 88).

Esse trabalho evidenciou a visão dos moradores da RVV na tentativa de compreender como é que eles percebem a paisagem na qual estão inseridos. Uma vez que já estão habituados ao meio onde vivem, por vezes não dão a devida importância à tradição e à cultura da sua comunidade, tanto é que as opiniões sobre as vinhas tradicionais e as vinhas novas estão

divididas. Apesar de ser fundamental para entender a dinâmica do local e para pensar em estratégias para gerir o patrimônio cultural, a visão do morador não deve ser a única a considerar. É importante consultar os moradores sobre a sua visão e o seu entendimento do que é ou não patrimônio porque são eles que dão significado ao bem em causa. Tomar decisões sem essa consulta é muito perigoso, pois a comunidade pode não se sentir representada.

Fica evidente que a RVV detém bens culturais importantes para seus residentes, desde as vinhas que caracterizam sua paisagem cultural, até as festividades, as construções históricas e as diversas manifestações que estão presentes no dia a dia dos residentes. Para desenvolver a região e preservar esse patrimônio, é preciso “identificar, apreciar e documentar as características da paisagem” (ZAKARIYA; IBRAHIM; ABDUL WAHAB, 2019, p. 88).

É crucial que a identificação dos valores culturais de um lugar seja corretamente feita para que os dados obtidos sejam tratados de maneira adequada e produzam excelentes resultados (TIRNAKÇI, 2021). Neste sentido, como trabalho futuro é possível pensar na catalogação desses bens como forma de reforçar ainda mais a importância e a necessidade de preservação dessa região. Fica como sugestão a utilização do método “Landscape Character Assessment (LCA)” desenvolvido por Zakariya, Ibrahim e Abdul Wahab (2019). Além disso, é possível desenvolver trabalhos que também considerem a visão dos turistas para compreender melhor as características tratadas aqui e comparar com os resultados da percepção dos residentes.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ricardo. **Has mainstream Vinho Verde wine generalised the international image of the region, limiting the positioning of its more value-driven producers?** 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade Católica, Lisboa, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/22008>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- BALSAS, Carlos José Lopes. A Novel Approach to Studying Cultural Landscapes at the Watershed Level. *In*: ROSA, Isabel de Sousa; LOPES, Joana Corte; RIBEIRO, Ricardo; MENDES, Ana (org.). **Handbook of Research on Methods and Tools for Assessing Cultural Landscape Adaptation**. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 221–248.
- BERNARDES, Antonio. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 27, n. 50, p. 275–299, 2020. DOI: 10.33081/formacao.v27i50.6564.
- CARDOSO, António Barros. Vinho Verde: um “vinho diferente” para a Europa e para o mundo. *In*: **The overarching issues of the european space: preparing the new decade for key socio-economic and environmental challenges**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. p. 234–246. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/119431>. Acesso em: 9 fev. 2021.
- CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. A evolução do conceito de paisagem cultural. **GOT - Journal of Geography and Spatial Planning**, [S. l.], n. 16, p. 81–98, 2019. DOI: 10.17127/got/2019.16.004.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. Um plano para a paisagem cultural do Serro, Brasil: novas possibilidades para o patrimônio. **Identidades: território, cultura, património**, [S. l.], n. 6, p. 211–233, 2016. DOI: 10.5821/identidades.8836.
- COUNCIL OF EUROPE. European Landscape Convention. 2000. Disponível em: www.coe.int/Conventioneuropeennedupaysage. Acesso em: 2 dez. 2019.
- CVRVV. **Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes**. 2020. Disponível em: <https://www.cvrvv.pt/>. Acesso em: 6 fev. 2020.
- DOMINGUES, Álvaro. A paisagem revisitada. **Finisterra**, [S. l.], v. 36, n. 72, p. 55–66, 2012. DOI: 10.18055/Finis1621.
- FABIÃO, Carlos. O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 169–198, 1998. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1_1/2/7.pdf.
- FARINA, Almo. The cultural landscape as a model for the integration of ecology and economics. **BioScience**, [S. l.], v. 50, n. 4, p. 313–320, 2000. Disponível em: <https://academic.oup.com/bioscience/article/50/4/313/270737>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- FERNANDES, Gonçalo Poeta. Problemáticas do turismo em áreas naturais e o seu significado nos concelhos do Parque Natural da Serra da Estrela. *In*: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais**.

Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 135–152.

FIGUEIREDO, Elisabete. «Quantas mais “aldeias típicas” conseguimos suportar?» Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local em meio rural. *In*: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em espaços rurais e naturais**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 65–81.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. DOI: 10.14195/978-989-26-0558-6. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/23478>. Acesso em: 9 fev. 2021.

FREITAS, Isabel Vaz De; KOSKOWSKI, Michał Ryszard. Heritage and Sustainable Development: Capacity Building through Tourism. *In*: SRIVASTAVA, S. (org.). **Capacity Building Through Heritage Tourism**. Series statement: Advances in hospitality and tourism book series: Apple Academic Press, 2021. p. 113–131. DOI: 10.1201/9781003034391-6.

FREITAS, Isabel Vaz De; MARQUES, Jorge; RODRIGUES, Carlos Augusto; SOUSA, Cristina. Urban landscape quality management and monitoring: a methodological proposal to study the case of Porto, Portugal. *In*: ROSA, Isabel de Sousa; LOPES, Joana Corte; RIBEIRO, Ricardo; MENDES, Ana (org.). **Handbook of research on methods and tools for assessing cultural landscape adaptation**. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 396–413.

GONZÁLEZ-VÉLEZ, Yamir. Landscape change and regional identity in the Copper Canyon Region. *In*: KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; SOPER, Anne K.; GREER, Charles E. (org.). **Landscape, tourism, and meaning: new directions in tourism analysis**. New York: Routledge, 2016. p. 37–49.

GREER, Charles; DONNELLY, Shanon; RICKLY, Jillian M. Landscape perspective for tourism studies. *In*: KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; SOPER, Anne K.; GREER, Charles E. (org.). **Landscape, tourism, and meaning: new directions in tourism analysis**. New York: Routledge, 2016. p. 9–18.

HRIBAR, Mateja Šmid; GERŠIČ, Matjaž; PIPAN, Primož; REPOLUSK, Peter; TIRAN, Jernej; TOPOLE, Maja; CIGLIČ, Rok. Cultivated terraces in Slovenian landscapes. *Acta geographica Slovenica, [S. l.]*, v. 57, n. 2, p. 83–97, 2017. DOI: 10.3986/AGS.4597.

HUFF, Sean. Identity and landscape: the reification of place in place in Strasbourg, France. *In*: KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; SOPER, Anne K.; GREER, Charles E. (org.). **Landscape, tourism, and meaning: new directions in tourism analysis**. New York: Routledge, 2016. p. 19–35.

ICOMOS-IFLA. **ICOMOS-IFLA Principles concerning rural landscapes as heritage**. 2017. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA2017_6-3-1_RuralLandscapesPrinciples_EN_adopted-15122017.pdf. Acesso em: 2 dez. 2019.

ICOMOS. **Québec Declaration on the Preservation of the Spirit of Place**. 2008. Disponível em: <https://whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-646-2.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Carta de Bagé ou Carta da Paisagem Cultural**. Rio Grande do Sul, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento Agrícola - Análise dos principais resultados - 2019**. Lisboa. Disponível em: <https://www.ine.pt/xurl/pub/437178558>.

JUNLING, Zhou; YAO, Wu. Traditional village rural landscape construction. *In: 2019 IEEE EURASIA CONFERENCE ON IOT, COMMUNICATION AND ENGINEERING (ECICE) 2019, Anais [...]*. : IEEE, 2019. p. 121–124. DOI: 10.1109/ECICE47484.2019.8942790.

KNUDSEN, Daniel C. Insiders and Outsiders in Thy. *In: KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; SOPER, Anne K.; GREER, Charles E. (org.). Landscape, tourism, and meaning: new directions in tourism analysis*. New York: Routledge, 2016. p. 109–119.

LAVRADOR, Ana; ROCHA, Jorge. A Região Demarcada dos Vinhos Verdes, uma paisagem e uma identidade ameaçadas. *In: XII COLOQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA 2010, Porto. Anais [...]*. Porto: Faculdade de Letras (Universidade do Porto), 2010. p. 17.

LAVRADOR, Ana; ROCHA, Jorge. The Role of Landscape in the Representation of Portuguese Wine Producing Regions. *In: ROSA, Isabel de Sousa; LOPES, Joana Corte; RIBEIRO, Ricardo; MENDES, Ana (org.). Handbook of research on methods and tools for assessing cultural landscape adaptation*. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 276–298.

LEITÃO, Manuel Azevedo de Lencastre. **A evolução da paisagem rural do norte de Portugal**. 2011. Universidade Técnica de Lisboa, [S. l.], 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/4054>.

LOURENÇO, Ana Cristina. City landscape: confluence between ecological conditions and urban morphology in the city of Lisbon. *In: ROSA, Isabel de Sousa; LOPES, Joana Corte; RIBEIRO, Ricardo; MENDES, Ana (org.). Handbook of research on methods and tools for assessing cultural landscape adaptation*. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 368–395.

MANFIO, Vanessa. Paisagem, turismo e vinho no Douro em Portugal: uma imponente tradição. *Cadernos de Geografia, [S. l.]*, n. 40, p. 79–90, 2019. DOI: 10.14195/0871-1623_40_6.

MARQUES, Gonçalo Nuno Ramos Maia; MARQUES, José Maia. Património histórico-cultural vinícola no Entre Douro e Minho, Portugal, como recurso turístico. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, [S. l.]**, v. 9, n. 1, p. 107–119, 2017. DOI: 10.18226/21789061.v9i1p107.

MARQUES, Helder. Região demarcada dos vinhos verdes. **Revista da Faculdade de Letras Geografia, [S. l.]**, v. III, p. 135–225, 1987. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/9075>.

MCFARLANE, Jim; GRANT, Bligh; BLACKWELL, Boyd; MOUNTER, Stuart. Combining amenity with experience. **Tourism Economics, [S. l.]**, v. 23, n. 5, p. 1076–1095, 2017. DOI: 10.1177/1354816616665754.

MOTTET, Anne; LADET, Sylvie; COQUÉ, Nathalie; GIBON, Annick. Agricultural land-use change and its drivers in mountain landscapes: A case study in the Pyrenees. **Agriculture, Ecosystems & Environment, [S. l.]**, v. 114, n. 2–4, p. 296–310, 2006. DOI: 10.1016/j.agee.2005.11.017.

NASCIMENTO, Flávia Brito Do; SCIFONI, Simone. A paisagem cultural como novo

paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira- SP. **Revista CPC**, [S. l.], v. 0, n. 10, p. 29, 2010. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i10p29-48.

NETO, Belmira; DIAS, Ana Cláudia; MACHADO, Marina. Life cycle assessment of the supply chain of a Portuguese wine: from viticulture to distribution. **The International Journal of Life Cycle Assessment**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 590–602, 2013. DOI: 10.1007/s11367-012-0518-4.

OLIARI, Rafaela Cristina; KINOSHITA, Fernando. **Análise do conceito de multifuncionalidade da agricultura e sua utilização no âmbito da Organização Mundial do Comércio**. 2012. Âmbito Jurídico. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-105/analise-do-conceito-de-multifuncionalidade-da-agricultura-e-sua-utilizacao-no-ambito-da-organizacao-mundial-do-comercio/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

OLIVEIRA, Catarina. Passeios da Primavera: percursos pedestres na interpretação e valorização das paisagens rurais. In: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em espaços rurais e naturais**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 127–134.

PARTIDÁRIO, Maria do Rosário. Turismo em espaços rurais e naturais: uma oportunidade sustentável. In: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 115–126.

PINHEIRO, Clara Daniela da Silva. **Alternativas de sistemas de condução na casta Loureiro (Vitis vinifera L.) com vista a uma viticultura sustentável na Região dos Vinhos Verdes**. 2019. Dissertação de Mestrado - Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/20558>. Acesso em: 16 fev. 2021.

PLAZA TABASCO, Julio José; CAÑIZARES RUIZ, María del Carmen; RUIZ PULPÓN, Ángel Raúl. Patrimonio, viñedo y turismo: recursos específicos para la innovación y el desarrollo territorial de Castilla-La Mancha. **Cuadernos de Turismo**, [S. l.], n. 40, p. 547, 2017. DOI: 10.6018/turismo.40.310101.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

RIBEIRO, Ricardo J.; LOPES, Joana Corte; BOUCAULT, François. Alternative Tool for an Integrative Landscape Interpretation. In: ROSA, Isabel de Sousa; LOPES, Joana Corte; RIBEIRO, Ricardo; MENDES, Ana (org.). **Handbook of research on methods and tools for assessing cultural landscape adaptation**. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 299–322.

SILVEIRA, Bruno Rodrigues Da; ARAÚJO, Rachel Vieira De. Considerações sobre o conceito de paisagem e a aula de campo na Praça do Ferreira, Fortaleza, Ceará. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeeducacionais**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 61–71, 2013. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/214/>.

SILVEIRA, Emerson Lizandro Dias. Paisagem: um conceito chave na Geografia. In: EGAL-12º ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA 2009, Montevideu. **Anais [...]**. Montevideu p. 16. Disponível em:

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/23.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SIMÕES, Orlando. Turismo em espaços rurais e naturais: um ponto de partida. *In*: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em espaços rurais e naturais**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 15–24.

SIMÕES, Orlando; CRISTÓVÃO, Artur; BURNAY, Maria João. Contributos para um aproveitamento alternativo dos espaços rurais e naturais. *In*: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 267–287.

TIMMS, Benjamin F. The parallax of landscape: situating Celaque National Park, Honduras. *In*: KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; SOPER, Anne K.; GREER, Charles E. (org.). **Landscape, tourism, and meaning: new directions in tourism analysis**. New York: Routledge, 2016. p. 95–107.

TIRNAKÇI, Aslıhan. Identifying the Value of Traditional Cultural Landscape in Rural Settlements. **Journal of History Culture and Art Research**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 2147–0626, 2021. Disponível em: <http://kutaksam.karabuk.edu.tr/index.php/ilk/article/view/2814>. Acesso em: 21 jun. 2021.

UNESCO. **Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention**. Paris, 2019. Disponível em: <https://whc.unesco.org/document/178167>. Acesso em: 2 out. 2020.

UZUN, Funda Varnaci; SOMUNCU, Mehmet. Cultural Landscape: An Evaluation From Past to Present. *In*: ROSA, Isabel de Sousa; LOPES, Joana Corte; RIBEIRO, Ricardo; MENDES, Ana (org.). **Handbook of research on methods and tools for assessing cultural landscape adaptation**. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 1–27.

VALENTE, Sandra; FIGUEIREDO, Elisabete. O turismo que existe não é aquele que se quer... *In*: SIMÕES, O.; CRISTOVÃO, A.; CALDAS, J. C. (org.). **TERN: Turismo em espaços rurais e naturais**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003. p. 95–106.

VASCONCELOS, Marcela Correia de Araujo. As fragilidades e potencialidades da chancela da paisagem cultural brasileira. **Revista CPC**, [S. l.], v. 0, n. 13, p. 51, 2012. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i13p51-73.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima Dos Santos; PIMENTEL, Maurício Ragagnin. As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem. **Espaço Aberto**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 131–150, 2016. DOI: 10.36403/espacoaberto.2016.5240.

WOLFEL, Richard. Slicing the Dobish Torte: the three layers of tourism in Munich. *In*: KNUDSEN, Daniel C.; METRO-ROLAND, Michelle M.; SOPER, Anne K.; GREER, Charles E. (org.). **Landscape, tourism, and meaning: new directions in tourism analysis**. New York: Routledge, 2016. p. 65–74.

ZAKARIYA, Khalilah; IBRAHIM, Putri Haryati; ABDUL WAHAB, Nur Amirah. Conceptual Framework of Rural Landscape Character Assessment to Guide Tourism Development in Rural Areas. **Journal of Construction in Developing Countries**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 85–99, 2019. DOI: 10.21315/jcdc2019.24.1.5.

ZINCHUK, Tetyana; KUTSMUS, Nataliia; KOVALCHUK, Oleksandr; CHARUCKA, Olga.
CHALLENGES OF SUSTAINABLE DEVELOPMENT OF RURAL ECONOMY.
Management Theory and Studies for Rural Business and Infrastructure Development,
[S. l.], v. 40, n. 4, p. 609–619, 2018. DOI: 10.15544/mts.2018.53.